

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE MUSEOLOGIA

Caio Vieira de Mello

Locadora virou peça de museu?: Análise histórica, importância da memória
Audiovisual das Videolocadoras e os perigos da virtualização da memória.

Florianópolis

2022

Caio Vieira de Mello

Locadora virou peça de museu?: Análise histórica, importância da memória
Audiovisual das Videolocadoras e os perigos da virtualização da memória.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador(a): Prof.(a) Luciana Silveira Cardoso

Florianópolis

2022

de Mello, Caio Vieira
Locadora virou peça de museu? : Análise histórica,
importância da memória Audiovisual das Videolocadoras e os
perigos da virtualização da memória. / Caio Vieira de Mello
; orientador, Luciana Silveira Cardoso, 2022.
56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. videolocadoras. 3. memória. 4.
coleccionismo. 5. videocassete. I. Cardoso, Luciana
Silveira . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Museologia. III. Título.

Caio Vieira de Mello

Locadora virou peça de museu?: Análise histórica, importância da memória Audiovisual das Videolocadoras e os perigos da virtualização da memória.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Museólogo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia.

Local Florianópolis, 29 de junho de 2022.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof^a Thainá Castro Costa Figueiredo
Lopes, Dra. Orientadora

Prof^a Luciana Silveira Cardoso,
Orientadora

Prof^a Daniela Queiroz, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2022

AGRADECIMENTOS

In memoriam ao meu pai Antônio Mello que me incentivou o gosto pela literatura. A minha mãe Katia Vieira da Silva pela ajuda no esforço nos estudos da escola para mim e meus irmãos Natália e Arthur para sermos melhores na vida. Aos amigos de confiança em conviver nesse mundo confuso. Para minhas sobrinhas Anya e Sofia uma eterna alegria. Aos meus parentes Avô Althair, Tio Fábio, Tio Edinho, Tio Cláudio, Tio Flávio, Tia Jurema, madrinha Miriam e tantos outros parentes que ajudaram eu e a minha família nos bons e maus momentos, uma grande família. Aos professores da escola Dom Jaime de Barros Câmara no Ribeirão da Ilha pelo gosto pela história e as artes visuais, aos professores do Pré vestibular do Rio Tavares pela ajuda nos estudos para o vestibular e aos professores da museologia da UFSC pelos seus ensinamentos para reflexões, sabedoria e atitudes para tentar preservar o nosso patrimônio histórico e cultural. Agradeço pela ajuda do estagiário Guilherme na formatação do texto. As lojas de sebos de Florianópolis pela ajuda no desenvolvimento do meu conhecimento, divertimento e a coleta dos materiais para estudos. Aos bravos donos das videolocadoras sobreviventes e o maior colecionador brasileiro de VHS Rafael Jáder Gonçalves pelas suas entrevistas cedidas para minha pesquisa. Aos colegas de trabalho da farmácia pelo companheirismo. Aos museus imagem e som do CIC em Florianópolis e Balneário Camboriú e as outras pessoas que ajudaram na minha coleta de informações.

RESUMO

O legado das videolocadoras representa uma parte importante que contribuiu para divulgar e preservar a memória do cinema, mas o desaparecimento gradual delas pode também representar um sinal de ameaça do desaparecimento dos vídeos. Esse trabalho conta a história da ascensão, auge e a queda das videolocadoras, citando exemplos de ameaças que podem apagar a memória audiovisual e os riscos da virtualização da memória do vídeo como o caso das alterações de imagens. A memória das locadoras de home vídeo podem ser usada para ajudar nos estudos da museologia para contribuir em preservar e construir a memória dos vídeos.

Palavras-chave: videolocadoras; nostalgia; audiovisual; memória; colecionismo; videocassete.

ABSTRACT

The legacy of video rental stores represents an important part that has contributed to spreading and preserving the memory of cinema, but their gradual disappearance can also represent a threatening sign of the disappearance of videos. This work tells the story of the rise, peak and fall of video stores, citing examples of threats that can erase audiovisual memory and the risks of virtualization of video memory, such as image alterations. The memory of home video stores can be used to help in museology studies to contribute to preserve and build the memory of videos.

Keywords: video rental store; nostalgia; audiovisual; memory; collecting; video cassette.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 DESENVOLVIMENTO	20
2.1 REBOBINANDO A HISTÓRIA DAS VIDEOLOCADORAS	20
2.1.1 A origem do gravador de vídeo	21
2.1.2 Surgimento das videolocadoras	25
2.1.3 Surgimento das videolocadoras no Brasil e a decadência das videolocadoras.....	31
2.2 OS PERIGOS DA VIRTUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA.....	34
2.2.1 Fatores que podem contribuir para o apagamento da memória audiovisual.....	35
2.2.2 Obsolescência e falta de durabilidade.....	35
2.2.3 Excesso de informações e direitos autorais.....	38
2.2.4 Censura e alteração dos vídeos.....	39
2.2.5 A volatilidade virtual de registro dos vídeos.....	41
3 LEGADO DAS VIDEOLOCADORAS PARA A MUSEOLOGIA.....	43
3.1 Uso da memória das videolocadoras.....	43
4 CONCLUSÃO.....	55
5 BIBLIOGRAFIA.....	58
6 REFÊRENCIAS IMAGENS.....	71

1 INTRODUÇÃO

“Locadora virou peça de museu” é o título de uma matéria publicada na revista INFO¹ que aborda sobre Tecnologia e Internet na qual os autores da reportagem abordam sobre as melhores opções streaming (uma tecnologia que utiliza a internet para transmitir conteúdos de multimídia pelas empresas para os clientes como vídeos (filmes e séries), por exemplo.) para ver os filmes e seriados pela internet. O título da referida reportagem traz uma expressão que é considerada clichê e odiado por muitos profissionais da museologia brasileira ao saber que a locadora de vídeo “virou peça de museu”, é visto como uma forma de dizer que a videolocadora virou um objeto antiquado e sem mais utilidade para ser guardado e exposto em um museu.

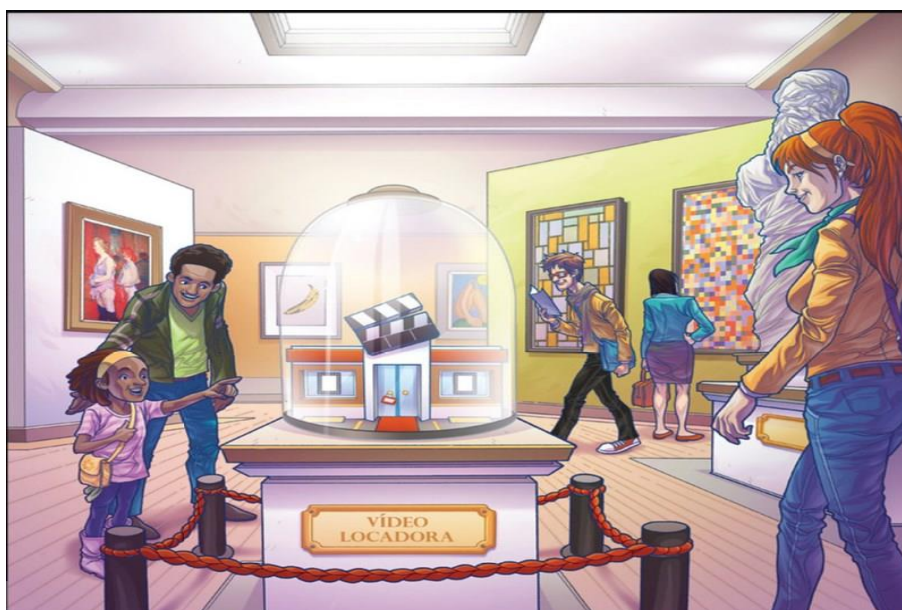


Figura 1: Video Locadora - Revista INFO

Fonte: flickr, 2012.

Deu para entender no conteúdo dessa reportagem que a internet “substituiu” a videolocadora, mostrando a loja como uma maquete, um objeto antiquado obsoleto (figura 1). Mesmo que a ilustração dessa reportagem tenha a intenção de colocar uma maquete da loja de aluguel de home vídeo num lugar de destaque, como uma obra de arte entre tantos objetos artísticos, o objeto está preso numa vitrine de vidro sem fazer interação com as pessoas, ela é vista apenas como lembrança do passado para ficar nos museus em

¹ Moraes, Mauricio; Cruz, Lui. Revista INFO Exame. Em: Locadora virou peça de museu. 321. Publicada pela Editora Abril em Outubro de 2012. Page. 64-70.

exposição. É irônico que a revista INFO afirma que a “Locadora virou peça de museu” se nessa matéria ela faz uma lista de serviços de streaming em que as pessoas podem alugar (em outras reportagens chamam a Netflix de locadora vermelha, se referindo ao design das letras vermelhas do título e o uso do vermelho na plataforma da empresa Netflix.) ou comprar vídeos para baixar pela internet, isto mostra que o ramo comercial de fazer aluguel de vídeos não está tão obsoleto e aposentado...

Mesmo com reportagens, documentários, alguns artigos e livros falando sobre o fim e nostalgia das videolocadoras, tem-se pouco registro mais detalhado no Brasil falando sobre a história e legado cultural dessas cinematecas brasileiras para a sétima arte, além de que tem poucos meios eficazes de preservação física e registro da memória audiovisual, visto que as mídias físicas como Video Home System (o popular VHS) e Compact Disc (CD) são consideradas produtos descartáveis, sem nenhum valor econômico e durabilidade não muito longa. As preocupações no momento são: em procurar preservar melhor a memória audiovisual no futuro, usar o legado e as memórias das lojas de aluguel home vídeo na criação e no desenvolvimento dos meios educacionais pedagógicos e culturais para que as próximas gerações apreciem e gostarem dos filmes e gravadores de vídeo antigos e desenvolverem a criatividade em fazer seus vídeos.

Iniciei a minha pesquisa sobre a origem e o fim das videolocadoras em 2017 com a finalidade de mostrar a importância desse ramo do entretenimento comercial e sua contribuição histórica, cultural, artística e social para a sétima arte. Durante a pesquisa sobre as locadoras de vídeo encontrei assuntos interessantes ligados com a musealização (Segundo o sentido comum, a musealização designa o tornar-se museu ou, de maneira mais geral, a transformação de um centro de vida, que pode ser um centro de atividade humana ou um sítio natural, em algum tipo de museu².) dos objetos da museologia que, aliás, ironicamente sobre o título e as imagens representativas do museu daquela matéria da revista INFO, mostra que grandes obras literárias estão guardadas e disponíveis em bibliotecas. Pinturas, esculturas e entre outras obras de artes de grandes artistas que estão nas galerias dos museus guardadas e resistindo ao tempo, mas porque uma boa parte dos filmes e outros vídeos que não estão nos museus de imagens e som ou em bibliotecas não tem um grande espaço especial para eles serem preservados e acessíveis ao público geral?

² Conceitos-chave de museologia. 2013. Pág. 56

Sendo que a videolocadora pode ser comparada como um grande espaço expositivo de um museu, com um imenso catálogo de capas dos filmes como quadros numa exposição que trazia emoções e surpresas aos clientes que olhavam encantados nessas imagens das capas para alugar e ver os significados nos objetos artísticos e fazer reflexões, contidos nos filmes como se fosse caminhando numa galeria de arte?

Visto que as videolocadoras tem uma semelhança com os espaços expositivos dos museus, também tem uma pequena representação simulada de um espaço de cinema dos shoppings: com cartazes de lançamentos dos filmes, vendas de bebidas, pipocas, salgadinhos e alguns souvenirs, atendentes e clientes conversando, interagindo e sugerindo filmes que vão assistir. Isso mostra que ainda há importância no legado da cultura de home vídeo das videolocadoras em ajudar nos estudos científicos, ensinamentos artísticos e na formação de novos diretores de cinema e artistas para criar no estilo de videoarte e utilizar o comércio das videolocadoras nos meios expositivos em museus para fazer a interação dos visitantes e utilizar as câmeras digitais para fazer os seus próprios vídeos artes e pequenos filmes além de ensinar a grupos e comunidades a criar os mais variados filmes para contribuir na preservação, expansão de divulgação e ensinamentos de sua cultura para outras pessoas sendo um grande impulsionador da produção e imaginação criativa.

Atualmente as videolocadoras de *home vídeo* podem ser comparadas com o que aconteceu com os monumentos antigos como o templo Partenon na Acrópole de Atenas, na Grécia, ou as Pirâmides no planalto de Gizé, nos arredores do Cairo, Egito: no passado quando surgiram eram maravilhosos e apreciados por seus contemporâneos com o passar do tempo ficaram em ruínas se tornando meras lembranças de um passado glorioso. A maioria das pessoas de hoje olham as locadoras de vídeo apenas como um ramo comercial em decadência e que desaparecerão ao lado dos aparelhos eletrônicos VHS e DVD que ajudaram na sua existência. Mas durante o período de atividades desses “armazéns eletrônicos” quando surgiram nos anos 70 e até sua decadência nos anos 2000, a videolocadora não foi apenas uma loja de entretenimento que alugava filmes: foi uma grande incentivadora cultural cinematográfica e divulgadora da sétima arte dando informação, reflexão, inspirações e emoções aos seus clientes, criando registro de memórias e ajudando as pessoas para que

pudessem assistir os seus filmes quando quisessem sem depender da exibição dos seus filmes favoritos em emissoras de televisão, isso foi uma verdadeira evolução cultural e do cinema.

As pessoas que trabalhavam nas locadoras de vídeo não as viam apenas um trabalho: era uma escola de cinema, centro social e cultural onde conversavam e dialogavam sobre os diversos filmes para assistir, dar sugestões e opinar sobre os seus preferidos com os clientes. Nas áreas das videolocadoras com suas estantes cheias de capas de VHS ou DVD e pôsteres, os clientes e funcionários olhavam as imagens dos filmes como quadros de pintura, assim como em uma galeria de arte expositiva, os quais iriam escolher para assistir em suas residências.

As locadoras de vídeo foram fruto das invenções tecnológicas eletrônicas comerciais na metade do século XX como a televisão, videocassete, videoteipe e principalmente as fitas magnéticas que registravam as imagens e som em movimento nos vídeos como um verdadeiro “livro eletrônico”. A invenção do reproduzidor de vídeo, o videocassete, levou a ascensão dos meios de comunicação eletrônicos. Desde o surgimento do rádio com acessibilidade para todas as pessoas que puderam pagá-lo a um preço acessível podendo ver em suas casas, em total conforto e privacidade, às variedades gêneros de filmes comprados em lojas comerciais ou alugado em vídeo locadoras.

Além de usarem VHS virgens para gravar seus programas e filmes nos canais de televisão para assistir várias vezes depois e de quebra registram as imagens na televisão do período, que na maioria dos casos vão ficar nos depósitos das emissoras de televisão e não vão ser colocadas na internet. O videocassete contribuiu para a democratização do audiovisual e permitiu que pessoas brincassem de diretores de cinema: fazendo suas próprias gravações e produções criativas: criando os seus filmes caseiros e amadores para depois ver nos videocassetes, como aconteceu com o aparelho Super 8 e depois com os celulares, câmeras digitais e o Youtube. E a contribuição dos videocassetes e DVDs utilizados nas escolas e universidades como veículo de educação e informação para os estudantes, ajudando os professores. Nos últimos 100 anos, desde que foram inventados os aparelhos eletrônicos de audiovisuais, a tecnologia evoluiu muito rapidamente neste era da globalização e competitividade do sistema capitalista, isso levou as videolocadoras a acompanharem essa evolução para adaptarem e assim continuarem a trabalhar

no aluguel dos filmes: Passou do videocassete, depois para o DVDs até as tentativas de competir com a internet como caso do uso de pendrives no aluguel de vídeo³ e de máquinas de aluguel de vídeo⁴.

Essa evolução tecnológica foi uma “faca de dois gumes”: a internet possibilitou a maior acessibilidade a filmes, desenhos animados e seriados pelo mundo, que na maioria dos casos não chegaria a outros países. E por meios ilegais de download, fãs traduziam filmes e seriados legendados que na maioria dos casos por motivos econômicos nunca iria passar na televisão ou no cinema desses países. Mas por outro lado, essa tecnologia da internet fez acabar com a cultura das videolocadoras e levou à obsolescência os aparelhos eletrônicos como DVD e Blu-ray. Essa aceleração tecnológica poderá também impedir o acesso a vários filmes em VHS e DVD, que funcionavam em antigos aparelhos, para as pessoas mais velhas que não querem ou não conseguem usar as novas tecnologias e as crianças que não vão conhecê-los e usá-los.

Mesmo com internet rápida, barateamento dos computadores, TV a cabo, tablets, celulares e uma grande acessibilidade de um catálogo de filmes e seriados para ver em qualquer hora e lugar, tudo isso nunca vai substituir as videolocadoras ou as mídias físicas de vídeo, devido certas dificuldades de obter determinados filmes que a maioria ainda não saiu do formato físico (VHS e CDs de DVDs), filmes antigos, caseiros e os filmes europeus que não são achados facilmente no streaming, por questões de direitos autorais⁵. Além disso, existem áreas sem conexão de internet em regiões isoladas, pequenas cidades onde não existe cinema e pessoas com pouco contato com a internet ou que têm dificuldade de saberem lidar com as novas tecnologias, impedindo-as de verem os filmes. O famoso canal de filmes e seriados Netflix e tantos outros provedores com suas bibliotecas virtuais de filmes e séries de televisão via streaming nunca chegaram a terem acervos de filmes iguais ou superiores das videolocadoras, pois essas plataformas virtuais de vídeo além de serem incompletas e desiguais comparado ao que tinha nas videolocadoras em conteúdo de filmes, desenhos e seriados, na maioria dos casos os vídeos são retirados de suas plataformas por não serem mais vistos ou são comprados para passar em outras plataformas

³ Cherubin, Fábio. 100% Vídeo lança locação de filmes por pen drive.
<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/100-video-lanca-locacao-de-filmes-por-pen-drive-4y4ljddn7rqkzox5k0le7h8b2/>

⁴ Nakashima, Ryan. Redbox Instant streaming plan takes on Netflix.
<https://www.usatoday.com/story/tech/2012/12/12/redbox-instant-netflix/1762989/>

⁵ Citando pela escritora Kate Hagen no seu artigo sobre a cultura das videolocadora no blog:
<https://blog.blcklst.com/in-search-of-the-last-great-video-store-efcc393f2982?gi=6478445a45bc>

de vídeo e emissoras de televisão.

Durante a coleta de informações para essa pesquisa conversei com os donos de videolocadoras que “sobreviveram” à era da internet e a pirataria contando suas origens, o que eles achavam dos “novos modos de ver filmes” e suas visões sobre o futuro das locadoras de home vídeo. Visto que tem alguma chance da videolocadora ter uma sobrevida neste fim⁶, mas não como franquia, como o caso da Paradigma Cine Arte em Santo Antônio de Lisboa, na capital Florianópolis, onde existe aluguel de vídeos em DVD.

O meu trabalho vai ser dividido em três capítulos para falar sobre as videolocadoras. No primeiro capítulo vou contar uma breve história das origens dos videocassetes e das locadoras de vídeo, curiosidades e seu contexto histórico e social mostrando as origens das locadoras de vídeo (que pouca gente conhece) desde seu surgimento no final dos anos 70 do século XX até seu declínio nos anos 2000 do século XXI. Os problemas que os donos das lojas de aluguel de vídeo, fabricantes e donos de videocassete tiveram que enfrentar para movimentar esse mercado de vídeos. No segundo capítulo vou fazer observações sobre os perigos da virtualização da memória na internet, os riscos da perda de memória audiovisual e o terceiro capítulo falar sobre o legado das videolocadoras para o estudo da Memória Museal. Com o avanço da tecnologia dos aparelhos eletrônicos, melhorias da internet e a obsolescência de outras tecnologias, visto que as videolocadoras surgiram na evolução do desenvolvimento tecnológico comercial desses aparelhos eletrônicos na metade do século XX. Entre eles o videocassete, que foi um divisor midiático da sétima arte. A importância desse dispositivo foi tornar-se uma espécie de plataforma para registrar, coletar, arquivar, compartilhar e criar meios educativos com centenas de arquivos de filmes e outros vídeos.

Alguns problemas estão acontecendo na manutenção da memória audiovisual: como casos de censuras de filmes (censura das empresas privadas ou por questões de éticas, políticas e sociais), filmes que não vão para as plataformas por causa dos direitos autorais e o fato dos meios físicos de registro dos vídeos não terem uma longa duração sem os cuidados de conservação, o que pode causar perda dessas obras audiovisuais. Além de falar sobre esses riscos na perda dessa memória, o legado das videolocadoras poderá ter utilidade para os estudos da museologia nos ramos do colecionismo, comunicação, memória dos objetos, das exposições nos museus e encontrar meios de

⁶ https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/09/26/interna_cidadesdf,214894/numero-de-videolocadoras-cai-nos-ultimos-anos-e-pirataria-e-um-dos-motivos.shtml

salvaguardar a memória audiovisual.

Então, agora vamos rebobinar o VHS no videocassete (ou colocar o CD no DVD e ir para o menu) para ver a história das videolocadoras cheia de curiosidades, ironias, nostalgias, colecionismo, museologia e os perigos da ausência de preservação e compartilhamento da memória audiovisual, impedindo-as de serem apagadas e destruídas pelo tempo e pelas pessoas. Muita coisa para pensar, refletir, ver e gravar no contexto histórico, social, cultural sobre essas “bibliotecas audiovisuais de aluguel”.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REBOBINANDO A HISTÓRIA DAS VIDEOLOCADORAS

“A flexibilidade e portabilidade do videocassete, seus custos de produção mais práticos e a possibilidade de armazená-lo e revisá-los à vontade fazem dele um instrumento ideal para o fornecimento de informações... Em suma, o videocassete é hoje um novo tipo de livro; só que mais vívido, jovial, motivador...”. **Playback Associates, firma de Nova York que fornecia serviços de videocassete nos anos 70.**⁷

A outrora locadora de home vídeo (também chamada de cinemateca, videoclube, clube de vídeo ou conhecida popularmente como videolocadora) surgiu no fruto do desenvolvimento tecnológico, eletrônico e comercial do audiovisual que ocorreu após a segunda guerra mundial na metade do século XX com a popularização da televisão (inventado em 1926). Os aparelhos eletrônicos que contribuíram na aparição do mercado das locadoras de vídeo foi o VCR que é a sigla em inglês para gravador de vídeo cassete (Video Cassette Recorder) e a fita magnética de gravação som-e-vídeo chamado cassete (vinda da palavra francesa que quer dizer caixa) essa “pequena caixa” de plástico preto com uma fita cassete de meia polegada dentro lacrado e fechado contribui na revolução do modo de ver e fazer os vídeos. Esse aparelho videocassete pode ser vista como uma “sequência” da evolução de fazer registros de imagens feitos pelas pessoas que começou em pinturas nas paredes das cavernas no tempo da pré-história, depois passado para os quadros de pintura, depois com a fotografia que evoluiu para filmadoras de cinema depois para os aparelhos eletrônicos de gravação. Visto que dois anos depois da primeira exibição pública do cinematógrafo feita pelos Irmãos Lumière em 1895 o cinegrafista, fotógrafo e pioneiro do documentário e da cinematografia o polones Boleslav Matuszewski (1856 - 1943) no seu folheto “Uma nova fonte histórica” (Une nouvelle source de l'histoire)⁸ de 1898, chamando de “fotografias animadas” esse novo registro de imagens desse cinematógrafo já prevendo a importância do registro e preservação dos documentos audiovisuais.

⁷ Rosen, Stephen. fatos do futuro. Em: Vídeo-Cassetes. São Paulo. Melhoramentos. 1979. Pg. 218 - 220.

⁸ Matuszewski, Boleslav. <http://www.contracampo.com.br/34/matuszewski.htm>

2.1.1 A origem do gravador de vídeo

A ideia de fazer gravação de imagem audiovisual (não por meio de película de cinema) surgiu na década de 1920 num experimento feito por um dos “pais” da televisão, o engenheiro escocês John Logie Baird (1888-1946) quando fez o registro de sinais de vídeo no aparelho Phonovision, um fotomecânico em disco de vinil de 78 rotações por minuto (RPM), mas não conseguiu ter muito sucesso nesse pioneiro experimento. Na década de 50 precisamente em 1956 onde o avô do videocassete chamado VR-1000 (figura 2) nasceu como tape, chamado também de videotape, videotape que dizer “fita de vídeo” em vez de usar a bitola cinematográfica é chamado esse gravador pela sigla VTR (Video tape recorder), e não cassete uma criação da empresa americana AMPEX (mas, o precursor do primeiro VTR foi usado pela corporação de comunicação britânica a BBC, o aparelho Vera, Vision Electronic Recording Apparatus⁹, em 1952, mas ele fazia registro de só 15 minutos de vídeo) esse tape era evolução das fitas magnéticas de gravação de áudio inventadas em 1928.



Figura 2: o aparelho VR-1000 da Ampex

Fonte: vox, 2016

⁹ <https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co8094245/bbc-vera-vision-electronic-recording-apparatus-video-tape-magnetic-tape>

Os primeiros modelos de gravação de vídeo comercial eram uns gigantescos armários eletrônicos pesados que rodavam em fitas de duas polegadas (quadruplex) quando mais largas as fitas melhores são a qualidade no registro do vídeo (mas isso precisava que o aparelho fosse maior ainda) e além de ser muito caros sendo usado pelos estúdios de televisão para fazer gravações de programas (antes os programas televisivos era tudo ao vivo) ou grandes empresas para treinamento dos funcionários. Isso mudou no Japão quando a empresa japonesa Sony em 1966 inventou o aparelho portapack, que pode ser considerado o primeiro gravador e câmera portátil que usava a versão de fita de vídeo de meia polegada em carretéis com gravações preto e branco que além de ajudar na popularização e ser mais acessível para fazer gravações de vídeo também contribuiu no ramo artístico da videoarte. Depois com o sucesso a mesma empresa lançou um dos primeiros videocassetes (que não era mais tape) U-matic da Sony, mas ainda assim era caro para uso doméstico usando mais nas emissoras de televisão e empresas nas áreas de vídeo.

As primeiras tentativas de trazer o gravador de vídeo doméstico para as residências foi o aparelho Telcan (figura 3) pela empresa Nottingham Valve Company lançado na Inglaterra em 1963, era uma televisão com um gravador de carretel aberto que ficava acoplado em cima do aparelho, mas a gravação só durava 40 minutos e a qualidade de imagem era ruim e não foi para frente. O primeiro gravador de vídeo doméstico que teve realmente sucesso comercial foi o aparelho N1500 (figura 4) da empresa holandesa Philips lançado em 1970, mas devido problemas mecânicos do aparelho impediu de se popularizar. A Sony mais uma vez depois do seu aparelho U-matic lançou o que seria o começo do vídeo mania: o aparelho Betamax (figura 5) lançado em 1975 com seu mecanismo reduzido e prático de usar.



Figura 3: Telcan
Fonte: inventricity

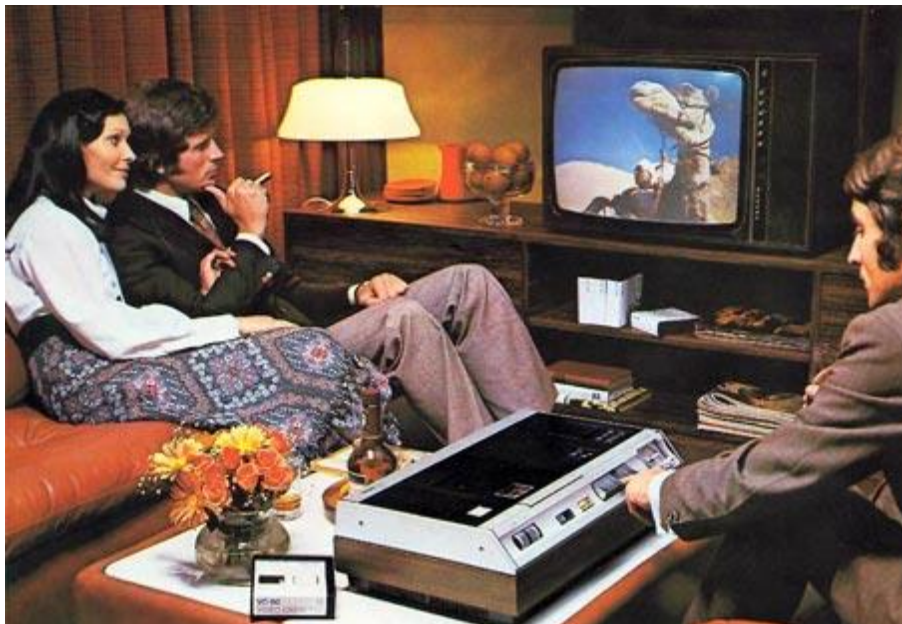


Figura 4: Philips N1500 VCR
Fonte: tecmundo, 2016



Figura 5: Betamax

Fonte: soundandvision, 2015

A finalidade inicial desses videocassetes era para o uso de ver os vídeos gravados nas filmadoras de fita cassete fazendo as pessoas brincarem de diretores de cinema ou produtores de televisão, mas percebeu-se depois que os consumidores queriam usar o videocassete para ver filmes do cinema e gravar programas de televisão. A ideia de ver filmes fora das salas de cinema é um pouco mais antiga: o aparelho Cinetoscópio que era uma projeção de filmes embutido (ou uma sequência de fotos) dentro do aparelho inventado em 1891, feita pela empresa de Thomas Edison que era só colocar uma moeda e via um trecho do filme. Antes dos videocassetes surgirem para ver os filmes fora do cinema era pela televisão, eventos culturais ou na utilização de câmeras e das fitas de super 8 que eram mini aparelho para rodar fitas de cinema de 8mm que era uma versão atualizada do antigo modelo de 8mm inventado em 1932 pela mesma empresa Kodak em 1965 que, aliás com o sucesso do videocassete contribui ao fim da popularidade do super 8.

2.1.2 Surgimento das videolocadoras

Foi aí que as videolocadoras surgiram e aproveitaram a moda do videocassete e a ausência de home video no mercado, preços caros e poucos filmes, tirando um pedaço lucrativo do comércio da sétima arte. A primeira videolocadora do mundo foi fundada por um colecionador de super 8, o alemão Eckhard Baum (figura 6) em Kassel, Alemanha em 1975.



Figura 6: Eckhard Baum

Fonte: blickpunktfilm



Figura 7: A pioneira videolocadora Film Shop Kassel

Fonte: randfilmfest

Os filmes de super 8 eram populares lá, Baum emprestava seus filmes para os amigos então percebeu que poderia ganhar dinheiro fazendo empréstimos dos seus filmes super 8 e depois passou a usar as fitas cassetes. Pode ser considerado o primeiro a fazer negócio com a alocação de cópias dos filmes, mas os filmes que ele alugava ainda não eram legalizados. Os primeiros filmes lançados para o videocassete na venda em varejo foram emitidos pela empresa Magnetic Video (figura 8) em 1977 com filmes do estúdio da 20th Century Fox por 50 dólares cada fita cassete (mas foi o filme sul-coreano *The Young Teacher* de 1972, primeiro filme lançado para venda em VHS ao público em 1975 e além do precursor aparelho videocassete norte-americano Cartrivision lançado em 1972 pela empresa Avco que vendia e alugava filmes

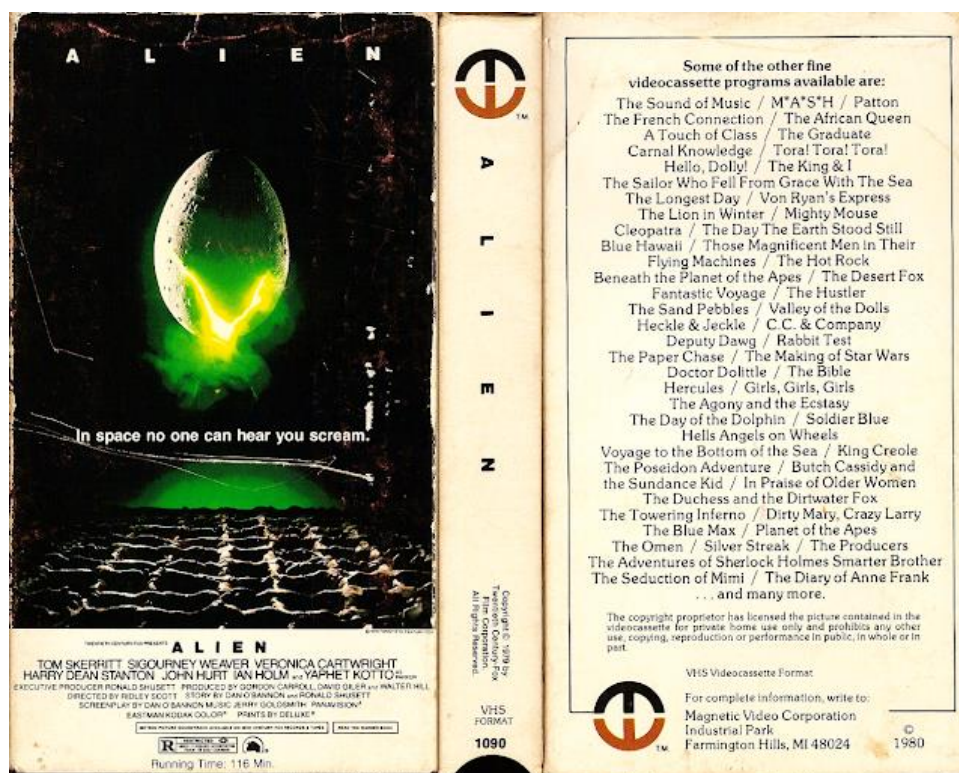


Figura 8: Fita cassete VHS do filme Alien (1979) da Magnetic Video Corporation

Fonte: ghoulishbasement

comerciais em suas fitas cartuchos, mas não fez sucesso e foi logo esquecido), essas poucas fitas cassetes, legalizadas ou não, eram ainda caras aos consumidores. Esse foi um dos fatores na popularidade das videolocadoras e também dos filmes pornográficos para home vídeo que potencialmente aumentou a vendas dos videocassetes e a locação dos filmes nas videolocadoras. A primeira videolocadora profissional e legalizada foi a Video Station, fundada por George Atkinson em dezembro de 1977¹⁰ em Los Angeles, Estados Unidos, a videolocadora profissional que ainda está em atividade é a Locadora 20th Century Flicks fundada em 1982 em Bristol, na Inglaterra. Durante o boom da videomania na década de 70 teve vários formatos diferentes de fitas cassetes em determinado aparelho de videocassete para poderem funcionar feitas pelas empresas rivais sem nenhuma compatibilidade de ser usado por outro aparelhoda empresa rival,

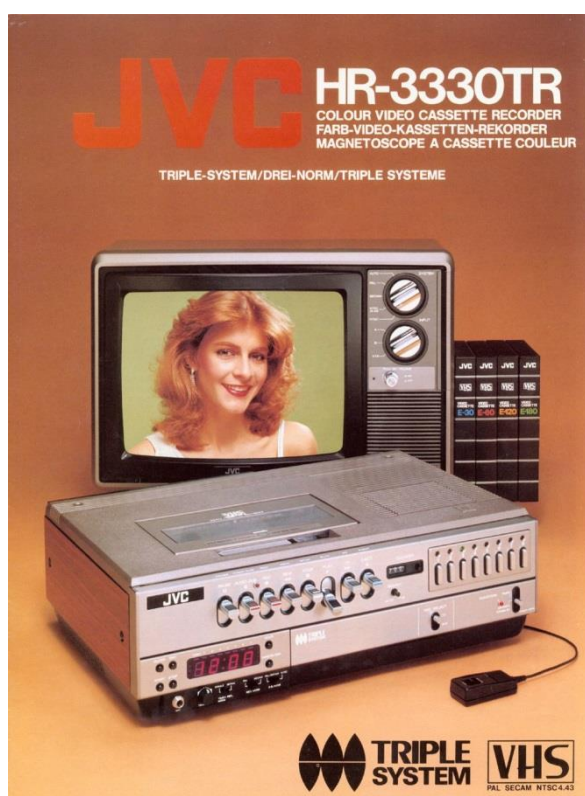


Figura 9: videocassete JVC HR-3300

Fonte: pinterest

¹⁰ <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2005-mar-12-me-atkinson12-story.html>

como por exemplo a fita cassete Beta da Sony não roda no vídeo cassete da Philips impedindo os consumidores de ver os vídeos. Iniciou - se então um duelo de titãs que ficou na reta final da batalha no formato definitivo do cassete para o mercado mundial. Os dois gigantes da indústria eletrônica: A Sony com o aparelho Betamax e seu formato de fita cassete “BETA” e a rival concorrente Victor Company of Japan (JVC) com sua fita cassete VHS (*vídeo home system*) e o seu videocassete JVC HR-3300 (figura 8) lançados em 1976 um ano depois da corrente Sony.

A Sony perdeu a batalha mesmo que a sua fita cassete fosse menor e tivesse imagem e som melhores que a rival JVC, mas a duração de gravação da fita cassete da betamax era de uma hora enquanto a do VHS era de duas horas e depois passou para quatro horas, mas a qualidade de imagem e som do VHS era menor. Isso foi ideal para os consumidores gravarem os seus programas, filmes e esportes que duravam mais de uma hora. O VHS se tornou o padrão definitivo de fita cassete, mesmo assim a Sony continuou a produzir a fita betamax até 2002 e também produziu videocassetes com o formato VHS da rival, depois dessa derrota a Sony teve seu momento de glória curta com o seu aparelho Blu-ray contra o HD-DVD da empresa Toshiba. Depois dessa batalha da fita cassete, o videocassete teve que enfrentar outro gigante: Hollywood.

Dois estúdios de Hollywood (Universal Studios e Disney) declararam guerra ao aparelho videocassete processando a empresa Sony com a acusação de roubo e pirataria, uma vez que poderia se fazer cópias ilegais com o aparelho Betamax. Isso fazia que as pessoas que tinham o videocassete, podiam copiar um programa e ver outro seriado sem necessariamente ver os comerciais. É bem irônico (ou memória curta) dos estúdios de cinema que fizeram essa acusação no processo contra a Sony, se a própria Hollywood e a indústria cinematográfica foi fundada por cineastas independentes piratas que se mudaram para a Califórnia para não pagarem os direitos autorais de Thomas Edison e seu terrível controle de propriedade intelectual, citado no livro “Cultura Livre” do professor de direito Lawrence Lessig, um dos fundadores do Creative Commons e defensor ferrenho da Internet livre. Fazia sentido que os estúdios de Hollywood tivessem preocupação (e medo) com o videocassete, pois com a

popularização da televisão nos anos 1950 diminuiu a venda dos ingressos nos cinemas (não era só filmes que passavam nos cinemas na época das décadas 1930 e 1940, passavam também seriados, desenhos animados e noticiários) achavam que esse aparelho de gravação de vídeo saído de algum conto de ficção científica poderia destruir o mercado cinematográfico e falir os estúdios de cinema. O processo durou 10 anos até 1984 quando a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos foi a favor da empresa japonesa Sony. Visto que esse duelo judicial foi desnecessário e inútil, pois os videocassetes ajudaram Hollywood e o cinema a revolucionar os vídeos. Como dizia um subtítulo de um certo filme Tropa de Elite 2 do diretor José Pardiha: “O Inimigo Agora é Outro” que falarei no segundo capítulo.

As salas dos cinemas passaram a ser uma espécie de “outdoor de marketing” para a venda das fitas de VHS entre as décadas de 80 e 90 que fez crescer o mercado de home vídeo e por consequência o aumento das lojas de aluguel de filmes. Muitos filmes que foram fracassos nos cinemas, tiveram pouca duração de exibição nas salas de cinema, não poderiam ser exibidos pelo seu conteúdo explícito ou polêmico, foram resgatados e popularizados graças às fitas cassete e as videolocadoras. Mercado home vídeo ajudou a quitar dívidas dos estúdios, torna cults os filmes, além de resgatar filmes esquecidos, tornar mais populares os filmes já famosos, ajudou a formar novos diretores de cinema graças a venda e aluguel de home vídeos, o que levou aumentar a produção dos filmes independentes de baixo orçamento sem depender de grandes estúdios de Hollywood, além da explosão das fitas OVA (Original Video Animation) de desenhos animados japoneses (animes) exclusivos para venda no varejo de vídeos no Japão. Isso mostra como as videolocadoras e principalmente os videocassetes tiveram o fundamental papel em resgatar e ajudar na divulgação da memória cinematográfica mostrando a intensa interação e transmissão das mensagens audiovisuais com o público. Segundo o museólogo Mario de Souza Chagas é importante na transmissão da construção e articulação da memória a partir no uso das imagens pois “A noção fundamental é que, sem transmissão, a memória social não se constitui a transmissão, portanto implica a atualização da memória. Nesse sentido, memória e preservação aproximam-se.” (ABREU, CHAGAS, 2009. Pág.160). Vistos que as fitas cassetes são como livros: transmitem em vez de letras, imagens em movimento além de estimular as emoções, a criatividade, promover a reflexão sobre os assuntos sociais e expandir o conhecimento das pessoas.

Os fabricantes de videocassete não se preocuparam com outro formando concorrente de ver filmes que surgiu logo depois do Betamax e VHS: o laserdisc. O Discovision (chamado aqui no Brasil nos anos 80 de videodisco) fabricado pela empresa Pioneer Electronic Corporation (figura 9), foi o primeiro aparelho eletrônico comercial a rodar Cds no laser óptico, lançado em 1978, prometia imagem e som melhores que a fita cassete, mas por conta do preço caríssimo dos aparelhos discovision e dos “cdzinhos” (do tamanho de disco de vinil que ironicamente precisava virar o CD que nem disco de vinil para continuar o filme que durava só 1 hora cada lado) impediu de concorrer forte contra o VHS. Depois veio o VCD (Video Compact Disc) VCD lançado em 1993 desenvolvidos pelas empresas Philips, Sony, Panasonic Corporation e JVC na tentativa de estabelecer um padrão digital para filmes que o Discovision não conseguiu, mas os aparelhos VCD Players foram um fracasso de vendas devido a problemas de não terem proteção antipirataria, somente com o lançamento do DVD (Digital Video Disc) em 1996 e depois o Blu-Ray da Sony em 2006 finalmente iria iniciar o declínio do império das fitas VHS que fez a empresa JVC encerrar a produção do formato VHS em 2007 e só em 2016 que encerrou definitivamente a produção do videocassete com o fim da produção do último fabricante a japonesa Funai Electric.



Figura 10: VP-1000 foi o primeiro reproduzidor de videodisco óptico a laser

Fonte: laservideodisc

2.1.3 Surgimento das videolocadoras no Brasil e a decadência das videolocadoras

No caso do Brasil o vídeo cassete e as fitas chegaram aqui por via do contrabando nos anos 70 por conta das restrições de mercado (as famosas reservas de mercado) durante a ditadura militar brasileira (1964-1985). A primeira locadora de filmes brasileira surgiu em 1977 na cidade de São Paulo pelo já falecido empresário Adelino dos Santos Abreu, a videolocadora Disk Filmes que depois mudou de nome ficando conhecida Omni Video. Somente na metade dos anos 80 com a fabricação dos videocassetes no Brasil que começou aos poucos a se popularizar nos lares brasileiros, saindo de objeto de luxo da elite para as classes populares tornando-se o objeto de consumo mais desejado do brasileiro na época. As videolocadoras brasileiras viveram seu apogeu nas décadas de 1980, 1990 e no começo dos anos 2000 até 2011, principalmente devido ao sucesso comercial dos DVDs e a qualidade baixa de velocidade da internet, mas também infelizmente as locadoras de home vídeo foram um dos fatores na decadência dos cinemas de rua e Cine Drive-In no Brasil, a febre das videolocadoras era muito alta.

Visto que durante a época de ouro das locadoras de home vídeo houve uma intensa movimentação de pessoas: muita interação, comunicação e trocas de informações dos filmes entre os clientes e trabalhadores dessas lojas, pode-se comparar as videolocadoras com que acontece nos museus: a importância do público (clientes) e os trabalhos como missão de passar as informações e mensagens durante as exposições das exposições feito pelos profissionais dos museus (funcionários) para contribuir na comunicação da memória museológica a partir dos objetos expositivos (filmes). Segundo a Museóloga Marília Xavier Cury no seu texto "O sujeito do museu" sobre os papéis do sujeitos em ajudar na comunicação museológica:

O museu é espaço de inúmeros sujeitos, do passado e do presente, daqui e de outros lugares, de culturas diferentes, com o mesmo ponto de vista ou com divergentes e diferentes posições. Ao admitir que haja um sujeito, muitos outros aparecem. Um sujeito, muitos outros aparecem. Um sujeito se faz na relação com o outro, nós fazemos sujeitos na interação com outro sujeito, isto porque a comunicação provoca estabelecimento de vínculos e os vínculos só são possíveis com a comunicação de sentidos. Melhor dizendo, não somos sujeitos sozinhos e não (re) significamos sozinhos, nós (re) significamos com outros, é uma atuação mútua e compartilhada entre público e o museu. (CURY, 2009.)

As videolocadoras tiveram seu auge nos anos 80 e 90, mas com as mudanças econômicas e principalmente tecnológicas tiveram que se adaptar aos novos tempos começando com o surgimento da maior franquia de videolocadoras do mundo: a Blockbuster (o McDonald do aluguel home vídeo). Fundada em 1985 até sua falência em 2010, fez com que acabassem as videolocadoras undergrounds, que tiveram que se adaptar ao novo formato imposto pela concorrente. Depois dos anos 90, as videolocadoras tiveram que encarar a popularização dos canais de TV a cabo, a pirataria dos VHS, os CDs de DVD e por fim o avanço da internet que teve o seu crepúsculo.

Por que os aparelhos eletrônicos e as videolocadoras depois de ficarem obsoletos pararam de serem usados pelas pessoas? Segundo a reportagem sobre o encerramento das produções de videocassete, do jornalista Sandro Moser, feita no jornal Gazeta do povo, publicada no dia 6 de agosto de 2016:

Segundo o professor Ivan Marques, do Programa de Pós-Graduação de História das Ciências e das Técnicas da UFRJ, a tecnologia do videocassete desapareceu pela mesma lógica que determina como “surgem e somem” as tecnologias.

Segundo Marques, a história mostra que toda a tecnologia, sejam produtos ou ideias, é constituída por três elementos.

O primeiro elemento é o “natural” que tem relação com a forma e a funcionalidade dos aparelhos e ideias. Outro é o “coletivo”: as pessoas que usam e disseminam o uso destas tecnologias. Em terceiro vem a “narrativa”, a ideia disseminada de que o uso (aí incluída a propaganda) daquela tecnologia é importante.

“No caso do videocassete, esta rede heterogênea se desfez nos três pontos. Quando um ou mais elementos se modifica, a rede tenta primeiro se adaptar, mas tende a desaparecer”. (MOSER, 2016.)

Além desses três exemplos citados no jornal, a falta de inovação e a desatualização contribuíram com o fim da continuação do negócio dos videocassetes. Outros fatores mais citados pelos donos de videolocadoras pelo baixo rendimentos do aluguel de vídeo foram a pirataria (que aumentou muito deste a popularização dos DVDs), o preço baixo dos DVDs permitiu as pessoas comprassem principalmente DVDs de seriados, assim podendo assistir na hora que quisessem suas casas, e por último a internet que possibilitou acessos ainda mais fáceis aos filmes e seriados por Streamings ou por meios de downloads e canais ilegais. Mesmo com o lançamento do aparelho Blu-ray pela Sony achavam que as imagens nítidas e o uso de filmes 3D iria revitalizar o aluguel de vídeo, infelizmente com as melhorias e o barateamento da velocidade da internet, surgimento das plataformas streamings devido à popularização do

Netflix e a evolução acelerada das tecnologias digitais se tornou logo obsoleto. As lojas de home vídeo começaram a fechar as portas, algumas fizeram tentativas de se sustentar e atrair clientes, vendendo outros produtos junto com o aluguel de home vídeo: como bebidas, doces, tabacos, lanches, livros para completar a renda e até na utilização de pendrives para o aluguel dos vídeos, mas isso não impediu de diminuir gradativamente o movimento dos clientes nas lojas. Os mais pessimistas achavam que as videolocadoras ficariam extintas em 2017. O tempo passou e hoje nesse ano 2022 até o fechamento deste TCC ainda tem algumas videolocadoras sobreviventes nos lugares do Brasil e no mundo mesmo com a pandemia mortal da covid-19 ainda resiste em ficarem abertas.

Curiosamente os fundadores da grande falida Blockbuster Vídeo venderam o controle de sua empresa a um grupo de acionistas em 1987 da Waste Management Inc., a maior empresa de coleta de lixo do mundo. O destino da memória das videolocadoras e seu acervo de filmes em VHS e DVDs estarão num camburão de lixo? Mesmo com a decadência desse ramo cinematográfico mercadológico e a substituição pelo concorrente Netflix, canais pagos e outras facilidades de ver filmes. Por que ainda as videolocadoras não desapareceram completamente? Por que existem pessoas colecionando fitas de VHS e DVD se existem outros meios de vídeo com qualidade melhor? O que antigas locadoras de home vídeo têm que as atuais “vídeolocadoras virtuais” não têm?

2.2 OS PERIGOS DA VIRTUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA

“Se você limitar o modo como as pessoas podem acessar a arte, haverá gerações inteiras que não se apaixonarão por essa forma de arte elas se apaixonarão por outras coisas.” **Maggie Mackay, diretora executiva da Fundação Idiots, videolocadora comunitária sem fins lucrativos.**¹¹

"É um livro. É um meio de armazenamento não volátil. É muito raro. Você deveria ter um." Diz o personagem Blank Reg oferecendo um livro físico a uma garota para ler no terceiro episódio "Body Banks"¹² do famoso seriado de ficção científica cyberpunk, Max Headroom¹³ lançado em 1987. Adaptado de um filme com o mesmo nome, a história se passa no futuro distópico lembrando os romances de ficção científica Fahrenheit 451 e Neuromancer onde as grandes emissoras de televisão mandam no mundo e alienam a população através dos programas exibidos nos milhares de televisores ligados 24 horas por dia, qualquer outro meio tecnológico de passar informação era destruindo ou descontinuado. Essa cena do episódio estava à frente do seu tempo, “previu” antecipadamente sobre a polêmica ainda debatida nos dias de hoje: a troca dos livros físicos e impressos pelas fontes on-line e o E-book eletrônico nos anos 2000. Esse problema pode também se relacionar aos vídeos, pois além do fechamento da maioria das videolocadoras, os acervos de VHS e DVDs estão sendo jogados fora ou sendo guardados pelos colecionadores. Os meios físicos de registrar e ver os audiovisuais estão sendo trocados pela internet e a armazenagem em nuvens, ainda em processo com certos riscos, e nos últimos anos têm acontecido casos de destruição, obsolescência eletrônica, censura e manipulação das imagens audiovisuais.

Vale ressaltar que este texto não tende só falar de história e nostalgia das videolocadoras, tão pouco não é um ataque reacionário e nem uma crítica ludista contra a globalização e as novas tecnologias, pelo contrário a internet contribuiu muito como aconteceu com o videocassete: ajudou a aumentar ainda mais a divulgação e propagação de filmes e vídeos produzidos até então,

¹¹ Hagen, Kate. À procura da última grande loja de vídeos.

Disponível em: <https://blog.blcklst.com/in-search-of-the-last-great-video-store-efcc393f2982>.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=KIWR-b42IU0>

¹³ [https://ultimatepopculture-fandom-](https://ultimatepopculture-fandom-com.translate.google/wiki/Max_Headroom_(TV_series)?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc)

[com.translate.google/wiki/Max_Headroom_\(TV_series\)?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc](https://ultimatepopculture-fandom-com.translate.google/wiki/Max_Headroom_(TV_series)?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc)

quebrando barreiras e expandindo fronteiras, possibilitando às pessoas de verem filmes que nem sairiam de seus países de origem. O problema é o mau uso dessa tecnologia para fins econômicos ou interesses ideológicos que podem atrapalhar a divulgação desses vídeos e pior apaga-los.

2.2.1 Fatores que podem contribuir para o apagamento da memória audiovisual.

2.2.2 Obsolescência e falta de durabilidade.

Visto que a história do vídeo é ainda “nova” com a revolução tecnológica que avançou muito desde o fim dos anos 1990, isso levou os aparelhos tecnológicos se tornam rapidamente obsoletos, como as películas de filmes que foram substituídos por câmeras digitais, Cds de DVD e fitas de VHS pela internet. Segundo trabalho do crítico do cinema Raymond Borde (1920-2004) sobre crises de conservação¹⁴, durante as mudanças tecnológicas audiovisuais ocorreram quatro “ondas de destruição” das câmeras de cinema: a primeira quando a câmera de cinema se tornou padronizada nos meios de fabricação em escala industrial encerrando a produção dos diversos tipos de câmera de cinema com velocidades, bitolas e perfurações completamente diferentes. A segunda quando os filmes tiveram som. A terceira quando a matéria prima de fabricação das películas de cinema foram substituídas do nitrato pelo acetato não inflamável, e a quarta a câmera digital está substituindo a película de cinema. A mesma ocorreu nos formatos domésticos de armazenamento audiovisual, super 8 para o VHS, depois Cds passado para os pen drives e HDS externos por fim armazenamento em nuvem da internet isso é normal durante as mudanças tecnológicas para fazer melhorias dos produtos industrializados do sistema capitalista o problema é que quando o registro audiovisual fica preso no formato antigo não é passado a seguinte.

Físicos de armazenamento para registrar as imagens audiovisuais tendem a ser substituídas ou produzidas em pequenas quantidades até serem encerradas, contribuindo na falta das peças dos videocassetes e aparelhos de DVD, impedindo a utilização desses VHS e CDs. Cds podem armazenar até 5 filmes, porém se arranhar esse formato físico pode comprometer a leitura do

¹⁴ <http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com/2011/05/fragil-arte-do-filme.html>

leitor óptico levando ser jogado no lixo perdendo além do filmes, trailer, imagens e bônus contidos nos Cds do DVD. Os VHS além da qualidade de imagem e som não são melhores que as películas de cinema, como a matéria prima usada na fita magnética é tóxica e além de mofar facilmente se não for conservado corretamente. Dos registros físicos audiovisuais, o que precisa de mais cuidado de preservação são das películas de cinema por conta da fragilidade de seu material com sérios riscos de deterioração e de serem inflamáveis principalmente feitas de nitrato. Os incêndios que destruíram cinematecas brasileiras como da emissora Record que ocorreu três incêndios na década de 60 e fez perder grandes acervos de videotape, entre eles se perdeu para sempre nas chamas todo registro do seriado do primeiro super herói brasileiro capitão 7 e o mais recente da cinemateca brasileira, na vila Leopoldina no estado de São Paulo pegou fogo perdendo uma parte do rico acervo do cinema nacional.

Mesmo que existam meios de ver filmes com imagens muito melhores pelos CDs e a internet, por que existem colecionadores de VHS que preferem ainda essas fitas cassetes? Segundo a entrevista que fiz com o colecionador Rafael Jader Gonçalves, que tem o maior acervo de VHS do Brasil, além da nostalgia dos antigos frequentadores das videolocadoras, também por motivos históricos em resgatar e preservar a memória contida nas fitas VHS:

Segundo Rafael, ele queria resgatar as fitas de VHS, pois a memória do cinema contida neles além da maioria dos filmes nos VHS nunca foi lançada em DVD. As fitas VHS remetem a nostalgia dos anos de funcionamento das videolocadoras e no uso das fitas VHS até a sua substituição por CDs de DVDs. As mídias usadas hoje nunca vão substituir a magia das artes gráficas das belas capas que ajudava nas locações. Muito mistério e encantos nas artes das capas que despertam emoções das pessoas que passavam na época das videolocadoras tanto cinéfilos quanto os saudosistas. Com as facilidades atuais de ver filmes, suprimiu-se o anseio ritualístico que existia em alugar os filmes e depois devolvê-los, já que eram difíceis de se comprar, hoje já não é mais tão instigante. Daí o desejo dele de manter a memória viva das fitas cassetes que a tecnologia enterrou. Agora os VHS são relíquias que não podem ser esquecidas pelo tempo. As próximas gerações de pessoas precisam ter acesso ao que contribuiu com a história do cinema e que a maioria dos filmes só estão disponíveis na versão do VHS.

A duração dos meios físicos de registro audiovisual depende de vários fatores para impedir sua deterioração como tipo de material usado, os acessos e cuidados de manipulação, limpeza e controle de temperatura, umidade, armazenamento e a qualidade dos aparelhos utilizados no seu funcionamento, cada documento eletrônico usado tem seu tempo de duração: CD (5-100 anos), fita cassete (10-30 anos), fita tape (10-300 anos) e película de filmes (10-500 anos).¹⁵ O funcionamento do registro audiovisual pode ser comprometido se não

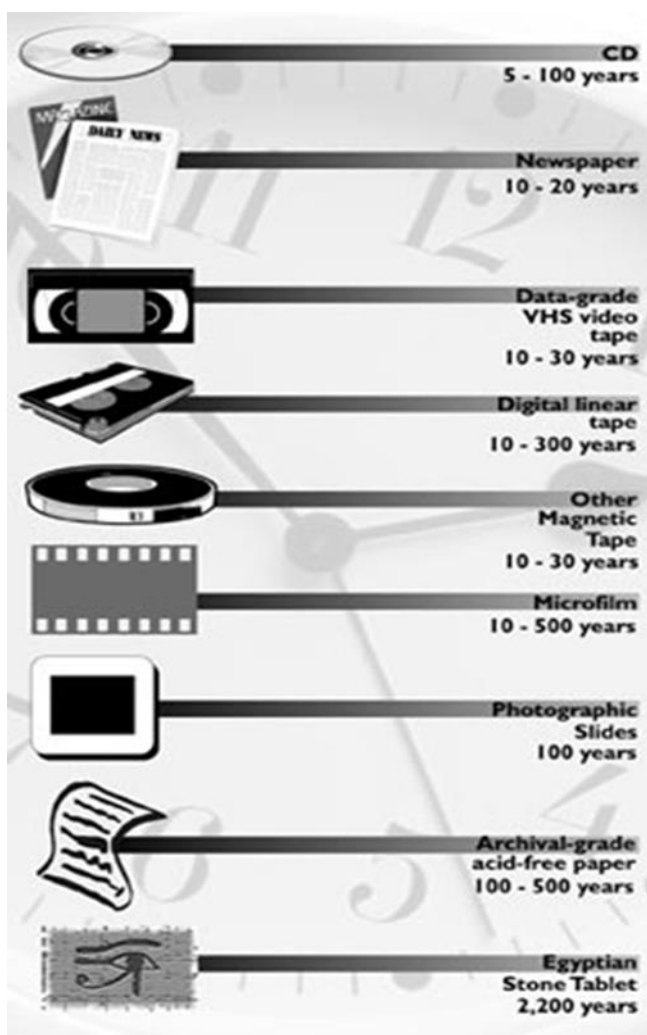


Figura 11: Vida comparativa da mídia

Fonte: softpres, 1998

for conservado corretamente, podemos perder todos esses documentos eletrônicos. Visto que as primeiras cinematecas surgiram nos anos 20 para salvaguardar os filmes mudos após deixarem de ser comerciais com a vinda do cinema sonoro na época produtores de cinema achavam que ninguém dos espectadores queriam ver reprises e então os rolos de filmes eram descartados

¹⁵ <http://www.softpres.org/cache/DigitalMediaLifeExpectancyAndCare.html>

e processados para aproveitar a prata contida nas películas, além de regravações dos videoteipes feitos pelos estúdios de televisão por motivos econômicos levando a apagar os vídeos contidos neles.

Mesmo que existe tecnologia para usar ainda fitas magnéticas para backup de dados¹⁶ e protótipos de discos de leitura feito de vidro com grande capacidade de memória que dura bilhões de anos¹⁷, ainda sim, como enfrentar o acúmulo de registro audiovisual ou a falta deles?

2.2.2 Excesso de informações e direitos autorais

Nas plataformas de streaming o catálogo é maior e possui várias opções de gêneros de filmes, seriados, desenhos e vídeos que uma pessoa comum não irá assistir todos e apenas receberá uma enxurrada de filmes e vídeos. Como escolher qual vai assistir dependendo das pessoas que a maioria das vezes alguns filmes nem são assistindo pelos assinantes. As pessoas têm apenas uma pequena biblioteca de filmes online no Netflix e outras plataformas, que são pífias comparadas às antigas videolocadoras que tinham maior quantidade, e quase todas tinham os mesmos filmes para alugar, diferente das plataformas. Bem citado pelo mestre de direito Davi Lago estamos na “era da sobrecarga de informações”.¹⁸

Muitos filmes clássicos, europeus e desconhecidos não estão nas redes da internet por conta dos direitos autorais, principalmente trilhas sonoras usadas e livros adaptados para o cinema, impedindo o relançamento dos filmes. Existem filmes que não saíram do VHS e outros sequer saíram da película para irem no VHS ou DVD, com perigo desses filmes se perderem para sempre, as pessoas tendem a recorrer por downloads ilegais ou fazer cópias piratas do vhs com péssima qualidade. Além é claro filmes e outros vídeos sendo produzidos aos montes (belo exemplo, demoraria 1.736 anos para assistir todos os vídeos do Youtube¹⁹ ou 36.667 horas de vídeo na Netflix...)²⁰ que muita gente não verá a maioria dos filmes e seriados principalmente dos antigos que vários fatores não estão disponíveis online além de que usarem os algoritmos que joga uma enxurrada de sugestões de filmes e seriados aos consumidores que pode obscurecer e impedir de conhecer outros vídeos.

¹⁶ <https://cbltech.com.br/blog/vantagens-e-desvantagens-de-se-utilizar-fitas-magneticas-para-backup-de-dados.html>

¹⁷ <https://www.techtudo.com.br/noticias/2016/02/disco-de-vidro-pode-guardar-arquivos-com-ate-360-tb-para-sempre.ghtml>

¹⁸ Lago, Davi. Leituras da história. Em: Fake news e cidadania. Edição 116. Edi. Escala. Pg.38- 41.

¹⁹ <https://www.hardware.com.br/artigos/6-curiosidades-sobre-o-youtube/>

²⁰ <https://canaltech.com.br/series/quanto-tempo-alguem-levaria-para-assistir-todo-o-conteudo-da-netflix-169017/>

2.2.3 Censura e alteração dos vídeos

Junto com a revolução internet e a globalização está ocorrendo mudanças sociais e distúrbios políticos causados por crises econômicas, guerras e a epidemia do covid-19. Dependendo dos países, os filmes são censurados por questões ideológicas, visto que certas cenas dos filmes tendem a ser mal vistas por certos grupos, elas sendo contra “a moral e bons costumes” ou impróprias (mesmo que maioria dos países tenham liberdade de expressão) para serem vistas. Assim fazem cortes dos filmes (O caso da censura do filme “De Volta Para O Futuro 2” pela Netflix)²¹ ou banem (como o caso filme “E o Vento Levou” que HBO teve que retirar de sua plataforma de streaming)²² ou alteram as imagens (como aconteceu com os animes, desenhos animados japoneses, exibidos nos Estados Unidos e na China), e sem falar dos filmes polêmicos que podem ser banidos e proibidos de serem exibidos, como o caso do filme “Nascimento de uma nação” do diretor D. W. Griffith ²³feito em 1915 que contribuiu com o modo de fazer cinema de Hollywood, mas criou a polêmica por conta do racismo e responsável para o renascimento do grupo racista Ku Klux Klan (KKK). Além da caça às bruxas contra os filmes de terror e violentos nos VHS (chamados de video nasties²⁴) que ocorreram na Inglaterra dos anos 80 causando censuras e banimentos de filmes no Reino Unido. No período de 1930 a 1960 teve um código de censura (chamado de código hays) criado pelo advogado William Harrison Hays (1879-1954) para orientar conduta moral na indústria hollywoodiana levando à censura centenas de filmes.

Deste começo dos anos 90 os filmes antigos das décadas passadas foram restaurados visando em melhorias de imagens na época do seu lançamento para o mercado de VHS e DVD, mas essas melhorias tendem a ser polêmicas. Como caso dos filmes “Star Wars” de George Lucas, “ET, o extraterrestre” de Steven Spielberg e a colorização dos filmes preto e branco.

Os filmes famosos de Lucas e Spielberg que foram mexidos além das melhorias de imagens, acrescentaram efeitos digitais com ajuda da tecnologia nas cenas que no original não tiveram por questões econômicas, tempo ou falta da tecnologia para fazer a cena na época, mas por outro lado fizeram censuras e alteraram imagens desnecessariamente, o que foi duramente criticados pelos fãs. Como o caso do “Han solo atirou primeiro” no filme “Star Wars: Episódio IV

²¹ <https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2020/05/netflix-censura-de-volta-para-o-futuro-e-internet-nao-perdoa-veja-reacoes>

²² <https://istoe.com.br/e-o-vento-levou-retirado-da-hbo-max-apos-protestos-contr-o-racismo/>

²³ <https://www.planocritico.com/critica-o-nascimento-de-uma-nacao-1915/>

²⁴ <https://bocadoinferno.com.br/artigos/2021/09/banido-a-historia-dos-video-nasties/>



Figura 12: Os agentes do FBI seguram armas de fogo na versão do filme original.

Fonte: imfdb



Figura 13: A versão do filme alterado em 2002: mostrado os agentes do FBI segurando rádios de comunicação.

Fonte: imfdb

– Uma Nova Esperança” de 1977 , o qual não existe a versão original na plataforma oficial da Disney. A troca dos revólveres dos policiais (figura 12) pelo Rádio Comunicador Walkie Talkie (figura 13) quando perseguiram os garotos nas bicicletas no filme “ET, o extraterrestre” de 1982, essa cena está disponível apenas no DVD de 2002²⁵. Nos últimos anos aumentou-se o uso de Deep Fakes, programas para fazer alterações de imagens de pessoas e objetos em vídeos, a princípio usados como brincadeira de mau gosto passaram a ser usados pelas fake news para desmoralizar e ridicularizar pessoas. Os Deep Fakes podem perigosamente ser usados por empresas e estúdios do ramo de vídeo para alterar e apagar pessoas “canceladas” e desafetos do governo.

No Brasil houveram casos de controle e censura de filmes e programas de TV durante a ditadura militar (como o uso de bolinhas pretas para tapar as cenas de nudez no filme Laranja Mecânica, de Stanley Kubrick.) e até hoje há casos de filmes quando passam nos canais de TV aberta, por questões de horários da programação fazem pequenos cortes nos filmes para encaixar na grade da programação, mas também partes de cenas com violência e erotismo.

Recentes filmes e seriados antigos, filmados em preto e branco, estavam sendo restaurados digitalmente e coloridos por estúdios ou por pessoas comuns, alguns historiadores fizeram críticas dessa colorização, pois tem risco de criar falsas informações das cores que podem não ter existido no filme original. Como bem citado pelo famoso restaurador de monumentos Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) no seu livro Restauração: deve-se restaurar quando preciso. Faz sentido colorir os filmes de Charles Chaplin? Segundo professora Emily Mark-Fitzgerald, da Escola de História da Arte e Política Cultural da University College de Dublin:

O problema com a colorização é que leva as pessoas a pensarem nas fotos apenas como uma espécie de janela descomplicada para o passado, e não é isso que elas são. Limpar essas imagens e inventar cores mais obscurece o passado do que o realça.²⁶

2.2.4 A volatilidade virtual de registro dos vídeos.

A internet proporciona uma vasta gama de meios de ver vídeos, mas muitas plataformas tendem a ser muito voláteis com seus acervos de filmes (exemplo do Youtube onde se perde centenas de vídeos por causa das diretrizes e normas do site), além dos sites piratas que são fechados segundo as leis de

²⁵ Croitor, Cláudia. O super livro dos filmes de ficção científica. Coleção cinemão V.1. Em: E.T., o extraterrestre. Editora Abril. Pg. 42-43.

²⁶ <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/10/09/A-vers%C3%A3o-colorizada-e-de-alta-resolu%C3%A7%C3%A3o-de-um-marco-do-cinema>

antipirataria. Isto é uma boa razão para se registrar e salvar em mídias físicas, mas como citado anteriormente elas têm pouco tempo de duração e se destrói caso não sejam conservadas corretamente. A substituição das câmeras de película e analógicas pelas digitais segundo alguns diretores, que ainda defendem o uso da película no cinema, pode matar o cinema. Segundo o texto do cinéfilo Yuri Deliberalli pode acabar com a “magia do cinema” pois:

A defesa da película não deixa lá de ter seu viés saudosista, ao mesmo tempo em que é legítima sob o argumento de que mantém o distanciamento do filme com o espectador, isto é, preserva o caráter de ficção da imagem e resguarda ao público a famigerada “magia do cinema”. Afinal, as 24 fotos projetadas por segundo e a granulação da imagem criam a ilusão de que há captura de um movimento e remontam a uma noção pura e ingênua de cinema, enquanto que o digital, no seu imediatismo, reduz esse caráter utópico e idealista. (DELIBERALLI, 2017.)

As plataformas de streaming até agora não conseguiram ter as mesmas quantidades e variedades de filmes e seriados que tinha nas videolocadoras antigas, além de custos de atualizar filmes antigos e pagar direitos autorais contra lucros fáceis de audiência e vendas de merchandising. O uso de algoritmos para atrair e fazer as escolhas de preferências dos clientes de filmes e seriados não é tão eficaz quanto às tradicionais sugestões dos funcionários ou pela observação e contato físico de uma prateleira de uma locadoras de aluguel home video. Visto essa substituição de uma videolocadora física por uma videolocadora virtual remete a tendência de substituir por meios tecnológicos o museu tradicional buscando soluções aos problemas educacionais por meio da tecnologia como citado no texto "educação e museus: sedução, riscos e ilusões" do museólogo Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses visto que em certas circunstâncias é importante o uso da tecnologia na educação, mas uso da informatização para substituir o processo educacional tradicional pode ser um problema grave, pois segundo ele essa pretensão de substituição dos meios físicos pelo virtual está desmaterializando o universo físico, reduzindo ao simulacro tornando obsoleto e excluindo os demais meios pedagógicos. Visto que os streamings não só "substituíram" as videolocadoras, mas também mataram a cultura das locadoras de aluguel de vídeo.

A internet globalizou e democratizou o conhecimento audiovisual, mas isso não vai impedir que a grande cinemateca virtual mundial seja ameaçada de ser censurada, alterada, apagada ou ser barrada de exibir os seus vídeos pelas pessoas, grupos e empresas.

3 LEGADO DAS VIDEOLOCADORAS PARA A MUSEOLOGIA

3.1 Uso da memória das videolocadoras

"Não fiz faculdade de cinema, vi filmes. O cinema me ensinou cinema." Quentin Tarantino, Ex-funcionário da videolocadora Video Archives e diretor de cinema.

Nesse quadro de incertezas da preservação audiovisual e do esquecimento da história das videolocadoras, existem três exemplos com esse tema que podem ser utilizados para a reflexão do uso da memória coletiva, colecionismo e interação social para contribuir na preservação da memória audiovisual e das locadoras de home video.

No livro *Videoland: Movie Culture at the American Video Store* (sem tradução e inédito no Brasil) de Daniel Herbert, professor assistente de artes cinematográficas e culturas na Universidade de Michigan nos EUA, é explicado sobre o apogeu e a decadência das lojas aluguel de vídeo e sua importância na cultura cinematográfica yankee. No livro do Daniel faz uma análise bem interessante de um trecho do filme *I Am Legend* (*Eu Sou a Lenda*, no Brasil) lançado em 2007, adaptado de um famoso livro com o mesmo título publicado em 1954. No começo do filme o personagem Robert Neville (interpretado pelo astro Will Smith) tenta sobreviver no mundo pós-apocalíptico após uma epidemia causada por um vírus que faz as vítimas virarem mutantes sedentos de sangue e tentar buscar uma cura para essa doença. Na passagem do filme Robert Neville entra numa videolocadora na cidade fantasma de Manhattan, onde ele mora, dentro dessa videolocadora ele colocou manequins para se passarem de clientes da locadora onde o Neville fingia falar com eles numa interação social ensaiada, mas Neville só ouvia apenas o silêncio dos manequins. Percebe-se que tirando o cientista Neville e os manequins dessa locadora ficaria vazia e sem nenhuma relevância. Como acontece em outros casos de eventos clichês de filmes pós apocalipses ele poderia simplesmente invadir a propriedade da videolocadora e levar todos os DVDs para assistir em casa com maior segurança e conforto, mas sem muita preocupação de tirá-los do lugar, Neville possui o espaço e fazendo o uso próprio dando vida ao espaço do lugar que estava abandonado, morto e esquecido fazendo convivência, interação social e alugando os filmes aparentemente ter algum sentido do Neville de viver.

O cientista Robert Neville montando os bonecos de manequins para parecer como humanos de verdade mostrou bem o conceito usado pelo filósofo grego Aristóteles (384 - 322 a.C.) o homem é um sujeito social que, por natureza, precisa pertencer a uma coletividade. Visto como a videolocadora não sendo apenas uma loja de aluguel de vídeo, era uma pequena comunidade de cinéfilos e amantes do cinema onde antes das redes sociais se encontravam, interagem e trocavam ideias durante a busca dos filmes para alugar. Por que ainda existem videolocadoras em plena era dos streamings? No artigo videolocadoras: declínio e empreendedorismo do técnico de informática Douglas klaus Bindemann. Os sobreviventes donos das locadoras de aluguel home video nesse ciclo de sistema econômico e atualização tecnológica chamado de "destruição criativo" quando as novas tecnologias substituem as obsoletas os proprietários dessas lojas usam a inovação e buscando alternativas para expandir o negócio para não ficarem presos ao método obsoleto não ver as lojas apenas "locadoras", mas uma "loja especializada em cinema" onde se pode alugar ou vender para colecionadores filmes raros e difíceis de achar e ver na internet ou obter legalmente, atendimento especial aos clientes onde tem uma interação social e experienciais coletivas com os clientes no meio de um cafezinho, venda de souvenirs ou debate determinado filme exibido na locadora diferente das redes sociais além de juntar tecnologia nova com as velhas como caso do uso de aplicativos de celular onde o cliente aluga o filme e é trazido a domicílio em vez de buscá-lo na locadora. As Ideias dessas inovações e no uso da tecnologia ajuda em criar revitalizações para contribuir em tirar o conceito de ultrapassado para tirar a imagem do antigo conceito de museu para o novo museu e não acaba obsoleto e fora da realidade. visto que inovações e atualizações contribuíram para que as videolocadoras restantes não ficam preso no passado e se atropelado completamente pelas mudanças da sociedade e tecnológicas além da valorização dos clientes não apenas o meio funcionário e cliente:

[...] mas também ao contato com outras pessoas, as conversas sobre filmes e ao gosto pelo ritual da locação, tratado distante de ser a inevitabilidade que era para se consumir esse tipo de conteúdo. (BINDEMANN, 2018)

Mostra os exemplos usados pelas videolocadoras sobreviventes que podem ajudar a refletir e planejar nos museus, as importantes adaptações e o uso da tecnologia ajuda nas inovações para atrair público geral e movimentar os corredores e as exposições dos museus. Bem analisada o artigo do museólogo Cesar Eugenio Macedo de Almeida Martins e a professora Renata Maria Abrantes Baracho sobre o contexto da interação com uso da tecnologia

Jean Davallon (2007) ao debater o tema da mediação entende que a relação entre o ser (visitante) e o objeto advém de um processo de aproximação entre as partes, com a intervenção dos aspectos museográficos. Neste particular, as tecnologias poderão facilitar a mediação se pensadas corretamente e se seu uso for coerente. Ao posicionar os meios tecnológicos como elemento importante na mediação, entende-se que o sucesso da eficiência informacional perpassa pelo uso destes recursos por parte do público.

Assim sendo, os visitantes de museus passam a ser vistos também como usuários e manipuladores da informação/conhecimento, dando-lhes um sentido mais amplo, e possibilidades de explorar os conteúdos museológicos de maneira mais livre e dinâmica. Ao permitir novas possibilidades comunicacionais e maximizar o oferecimento de informações, o visitante/usuário ganha protagonismo, envolvendo-se muito mais com os aspectos dos museus. Os recursos tecnológicos, de modo geral, utilizados nas exposições como parte da museografia são o que muitas vezes encanta o visitante. Sendo assim, o uso coerente de recursos tecnológicos terá maiores condições de ampliar as possibilidades informacionais ao museu, o que poderá potencializar sua missão. (MACEDO DE ALMEIDA MARTINS; ABRANTES BARACHO, 2018)

O que fazer e onde foram para as centenas de VHS que abasteceram todas as vídeo locadoras e lojas de varejo home video? O que fazer com milhares de DVDs? Visto uma mídia morta, mas esses objetos descartados pode ajudar a contextualizar sobre o passado quando foi produzido os registros dos filmes nos VHS (e também nos Cds e películas) Os vídeos registrados nos VHS, CDs e principalmente nos rolos de filmes podem ser vistas como cápsulas do tempo: se faz o registro audiovisual contando uma história onde é preservado para passar informações e entretenimento contida do filme para as pessoas na época que foi feito que com passar do tempo muda a mensagem onde é usado pelas próximas gerações como documento histórico que registra o passado quando foi feito podendo criar novas reflexões e emoções para o presente e o futuro. Aparelho vídeo cassete e DVD são como máquinas do tempo faz para, avançar e retroceder o tempo onde controlamos o temporalidade dos vídeos sem ficar ser apenas um espectador passivo vendo na televisão o tempo passar.

Esses documentos eletrônicos têm ainda significados relevantes para hoje no registro físico da memória, mesmo que a maioria dos fitas cassetes e CDs vão ser perdidos por vários motivos, por isso a importância de prevenir e salvar uma parte dela para prosperidade.

Por que os cinemas de shopping não tiveram o mesmo destino das videolocadoras, cinemas de rua e os Cine Drive-In mesmo que a televisão e os streaming ameaçaram sua hegemonia? Se pode assistir filmes mais confortavelmente e econômico em casa? Pelos simples fato da grande e movimentada indústria mercadológica envolvida nessa segmento de mercado cinematográfico que investe pesado em tecnologia para competir (e fazer parcerias) com a televisão e agora com os streaming, existe grande diferenças de ver “cinema em casa” numa televisão e ver filme num cinema fora de casa. Existem fatores culturais e sociais como distrações que atrapalha de ver filmes em casa diferente do cinema onde acompanhado de amigos e conhecidos num intenso compartimento de sentimentos coletivos e mergulhando na atmosfera do clímax do filme exibido no cinema para pessoas sentirem parte de alguma coisa e mais motivadas significativamente visto que o cinema “substituiu” o teatro como um importante espaço comunitário e social que depois as videolocadoras fizeram a mesma função até o advento da internet.

Como um objeto de registro audiovisual descartado pode ainda ser útil? Uma criança ou adolescente nascida dos anos 2000 poderá se encantar tanto com um brinquedo antigo e tanto um novo, pois além de nunca ter visto e não ter familiaridade com o tal objeto e seu significado original faz ela ficar encantada e ficar curiosa sobre o tal objeto começa a perguntar, ver, mexer como funciona o tal objeto como aconteceu em um teste realizado por crianças quando viram a primeira vez um videocassete e seu funcionamento.²⁷ Segundo os trabalhos do Professor de História Francisco Régis Lopes Ramos do seu livro “a danação do objeto” como nós usamos muitos objetos do dia a dia, pois estamos muito familiarizados com eles, mas depois que tiramos eles de seu contexto e colocando em outro modo para se transformar em outro significado como um objeto antiquário expositivo por exemplo, pode ser vista de outro modo dependodas faixas de idade das pessoas.

[...] Mas ao pensar sobre tais objetos, a partir de certos exercícios, faremos novas leituras, nos relacionarmos de outro modo com esses mesmos objetos. terrenos, por conseguinte, outras “situacionalidades” do nosso ser no mundo, novas inserções na historicidade do tempo e do espaço. (Lopes Ramos, 2004. Pág 34.)

²⁷ <https://catracalivre.com.br/cidadania/video-mostra-como-criancas-dos-anos-2000-reagem-ao-videocassete/>

Objetos do passado nunca se deve taxá-los “como coisas velhas”, pois existe segundo o professor Francisco a “noção de múltiplas temporalidades” muitos dos objetos que usamos hoje foram inventadas em vários períodos do tempo na história humana então não se deve falar de “progresso” e ficar dizendo que o passado é velho, retrocesso ou ultrapassado, pois foi ele que ajudou a movimentar a evolução tecnológica humana e continuam sendo atualizados mostrando a sua importância atemporal.

Já se previu no livro Uma Nova Ordem Audiovisual publicado em 1988 pelo professor Candido José Mendes de Almeida que a fita cassete do aparelho VCR (video cassette recorder sigla inglesa para o videocassete) por causa de sua limitada capacidade de memória e sua fragilidade física tende a desaparecer e ser substituído por “videodiscos ou disquetes”, mas visto sua condição de espelho social mostrando o seu importante papel da evolução tecnológica do vídeo que vai sofrendo mutações e transformando-se na chave para o conhecimento e as realizações nesse sentido segundo ele: “Nesta busca de um novo corpo social, o vídeo avança, soberano, como a síntese da mudança.”

O filme comédia *Be Kind Rewind* (chamado no Brasil como *Rebobine*, por favor uma loucadora muito louca) lançado em 2008 pelo diretor francês Michel Gondry onde conta história de Mike (interpretado pelo ator Mos Def), um funcionário de uma videolocadora onde seu chefe Mr. Fletcher (interpretado pelo ator Danny Glover) é dono dessa videolocadora que trata Mike quase um filho tenta salvar o prédio onde reside a loja e o seu lar pois as vendas de aluguel home vídeo estão baixas por conta que só tinha fitas de VHS então o chefe vai comprar DVDs para ajudar a atrair os clientes da loja para ganhar dinheiro no aluguel. Mike toma o negócio na ausência do patrão quando seu amigo paranoico Jerry Gerber (interpretado pelo ator Jack Black) que após tomar um violento choque elétrico ao tentar sabotar uma central elétrica da cidade ficando todo magnetizado onde vai para loja do amigo e sem querer desmagnetiza as fitas de VHS da videolocadora do amigo estragando os filmes para não ficar no prejuízo e ver a decepção do seu chefe (e sua demissão) os dois amigos bancam de diretores de cinema gravando bem no estilo cinema trash no modo artesanal e usando de materiais disponíveis, refazendo os filmes clássicos do cinema na maior cara de pau achando que ninguém que viu o filme iria perceber a “diferença”. Por incrível que parece esses filmes caseiros tornam um sucesso no bairro e começam a voltar o movimento dos clientes e a economia da loja

o pessoal do bairro começa a participar nas filmagens da dupla que no final, com a proibição dos filmes caseiros por causa dos direitos autorais pelo agentes do FBI, começam a fazer seu próprio filme sobre o pianista Fats Waller dando um grande festival de exibição do filme antes do prédio onde fica a videolocadora que vai ser demolido.

O filme remete muito às ideias da museologia para contribuir nas construções da memória. No trabalho “Minha querida VHS: a contribuição técnica para uma história do audiovisual.” da historiadora Leila Beatriz Ribeiro, a museóloga Thainá Castro Costa e a Silvia FRANCHINI na qual no trabalho delas usam o filme de Michel Gondry de plano de fundo mostrado muitas ideias usados no filme tem uma familiaridade com a museologia nos vários mensagens de identidade, resistência, relações comunitárias, registro histórico, crítica, reflexões e questionamentos da sociedade. Visto no filme a locadora que só alugava VHS perdeu lugar de destaque para outras locadoras que só alugavam DVDs, virando algo melhor: de uma simples videolocadora a uma espécie estúdio/escola de cinema comunitário, na qual acontece a participação das pessoas da localidade criando laços de amizade e companheirismo onde aprendem a arte do cinema e criam paródias “suecados” (Em inglês, “sweded”, o termo surge quando os personagens pediam um tempo aos clientes para encomendar os filmes da Suécia, quando na verdade iriam refilmar de forma caseira e sem grandes recursos de produção.)²⁸ dos filmes clássicos que com a destruição da memória desses filmes paródias a partir das técnicas aprendidas se cria algo maior e fantástico a história do ilustre pianista Fats Waller histórico e do seu bairro (mesmo que fictícia no filme) no modo buscar identidade e representação da comunidade local.

Numa cena do filme *Be Kind Rewind* após o apagamento dos filmes nos VHS a dupla Mike e Jerry tenta enganar uma cliente que nunca viu o clássico filme de 1984: *Os Caça-Fantasmas* do diretor Ivan Reitman "falsificando" o filme regravando do jeito improvisado e de baixo orçamento usando somente a memória do que os dois viram o filme *Caça-Fantasmas* no passado construído a memória desse filme. Bem citado numa análise crítica do filme *Be Kind Rewind* feita pelo cinéfilo Ronaldo D’Arcadia:

Apesar de ser uma história aparentemente simples, o filme é uma crítica a acomodação e a falta de memória para com aqueles que serviram de alicerce para tudo que conhecemos de melhor nos dias de hoje. (D’ARCADIA,)

²⁸ (Graciotti, André. *Rebobine, por favor: práticas de deslegitimação e apropriação criativa do cinema*.2009. Pág.13)

Isso mostra como é vital a prática da cultura mnemônica explicado no artigo pelo pesquisador de cinema John Finlay Kerr sobre o filme *Be Kind Rewind* e o uso da memória social, pois a sua construção a partir das trocas de informações pelas interações sociais contribuíram na (re)construção das identidades pela comunidade local isso ajuda na luta contra fatores que levam ao apagamento da memória pela amnésia e o esquecimento do passado e das pessoas que construíram a sociedade. Os filmes contam histórias e uso do cinema pela comunidade no filme para criar remakes “suecados” paródias dos filmes clássicos e depois um filme documentário da comunidade do bairro no filme. Os filmes feitos podem ser vistos como um álbum de fotografias animados contando e moldando várias histórias sobre a sociedades e o passado quando foram feitos o tempo e as pessoas passam, mas a imagem cinematográfica fica atemporal.

O cinema é uma cultura à qual podemos nos referir e usar para codificar nossas experiências, analisar o passado e observar como marcadores de tempo e de tendências. Essa relação comum com o cinema é revelada nas autobiografias e memórias moldadas em torno das experiências de ir ao cinema, que tratam da formação de histórias sociais e identidades pessoais através do cinema. (KERR, 2009.)

O filme *Be Kind Rewind* é sobre construção de memórias cinematográficas filmado por cineastas amadores feitos no fundo de quintal, no improviso de baixo orçamento, mas criado por pessoas comuns e não por empresas de cinema onde o grupo no filme criam as suas próprias histórias sem amarras criando mesmo que trasheiras e tudo tosco, mas isso constitui importante partes nas reflexões sobre a memória audiovisual pois:

Paradoxalmente, as memórias – especialmente quando agregadas – são muitas vezes defeituosas, incompletas, imperfeitas ou mesmo imprecisas. No entanto, em vez de ser considerado prejudicial, esse 'erro humano' é implementável para a memória social, pois de fato privilegia os laços comuns entre as pessoas e seus passados. (KERR, 2009.)

Através das ideias do cinema se cria memórias para serem registradas e documentadas com motivos artísticos no uso para fazer críticas, reflexões, causar vários tipos de sensações emocionais, satirizar ou apenas entretenimento. E o uso das fitas cassetes e da loja videolocadora no filme remete muito a nostalgia e a memória, além disso, a videolocadora é usado como arquivo eletrônico onde o cliente que participou dos filmes pode ter uma cópia do filme “suecado” e contribuir para fazer o compartilhamento social da memória em um sentimento de fazer parte dela.

No final do filme com tom de nostalgia e melancolia o prédio onde a videolocadora ficava vai ser demolido, mas antes de encerrar com chave de ouro a exibição do filme documentário-fictício produzido pela comunidade local fazendo uma grande comoção de todos no local. E o fim do prédio, mas isso não é o fim “simbólico” da memória da videolocadora ou modo de fazer cinema sendo apenas um recomeço dos novos modos de fazer (e ver) os filmes do cinema segundo bem visto no artigo do André Graciotti: “Rebobine, por favor: práticas de deslegitimação e apropriação criativa do cinema”:

[...] a tecnologia jamais deve ser motivo de intimidação ou de descrença no estatuto do audiovisual como arte. São novas possibilidades, novos caminhos a serem descobertos. O cinema se transformou em muitas coisas ao longo de sua história, mas agora ele se transfigura em algo verdadeiramente novo, afetando todas as etapas de seu processo, desde sua criação e produção até sua divulgação e consumo. A tecnologia deixa de ser apenas uma auxiliar da técnica para se tornar o meio que permite que o cinema enfim pertença ao espectador.

[...] o cinema inicia uma nova etapa de sua história: agora, o cinema das ruas, das paredes dos prédios, de bolso, das telas dos tamanhos mais variados e das experiências mais diversas; o cinema ao mesmo tempo das multidões e dos indivíduos; o cinema de todos e de cada um de nós. (GRACIOTTI, 2009.)

A escritora yankee Kate Hagen fez uma odisseia *home video* para investigar sobre o mercado de streamings online e videolocadoras após tentativa frustrada dela de assistir o filme *Fresh Horses* (No Brasil o filme *Obsessão*) de 1988. Depois que achou o filme não conseguiu processar a inquietante nostalgia que ela sentia quando tentou assistir de novo o filme, então coletando relatos e analisando, percebeu que tem certos problemas dos streamings que impede de “substituir” as lojas de aluguel de filmes.

O termo Nostalgia vem da palavra grega, mas sua origem foi inventada pelo médico suíço Johannes Hofer em 1688 para designar o nome de uma doença psicológica, um tipo de melancolia acometido por soldados que entre os sintomas tinham sofrimento da saudade de casa desejando voltar. Hoje com significado levemente positivo se refere mais lembranças causadas por alguma oscilação emocional (tanto boa como ruim) fazendo as pessoas buscarem alguma forma “volta ao passado” no uso de objetos, sons e imagens usados na infância e adolescência.

A nostalgia pode ajudar a conectar ao passado num flashback que só existe individualmente em nossa memória cerebral, quando são ativadas por determinado objeto ou situação, fazendo criar memória afetiva, isso pode levar as pessoas a colecionar os objetos criando uma coleção pessoal. As fitas de

VHS e os CDs de DVD podem ter significados especiais para as pessoas que assistem os filmes, desenhos e outros conteúdos dos vídeos em determinados períodos da vida e estabelecer pequenas cinematecas temporárias, ou não, de memória audiovisual e fazendo interações sociais entre os colecionadores.

Colecionar está associado à busca, por meio de objetos, da representação de si próprio; à busca por manter continuidade social, por preservar para a posteridade e por estabelecer o autoconhecimento por meio de objetos. Colecionar difere de acumular também por causa da definição de coleção.
(SUNDSTRÖM, A. da S. S.; ALBUQUERQUE, A. C. de., 2020)

Ato de colecionar após comprar os DVDs e VHS das videolocadoras desativadas por vários motivos (nostalgia, curiosidade, receios de perda) como modo de salvar do esquecimento os filmes antigos transformados em elementos de destaque cheios de simbolismo e funcionalidade que pode contribuir em estabelecer e reafirmar os verdadeiros sentimentos e significados das pessoas que colecionam os filmes.

Cinco exemplos do uso da nostalgia das locadoras de home vídeo para reacender memórias afetivas, três videolocadoras pessoais coincidentemente montados no porão das casas deles e criando fielmente uma videolocadora do passado com balcão e tudo (Nostalgia Vídeo, Champion Video e the video bunker), a última loja da extinta franquia Blockbuster e a videolocadora comunitária Vidiots, todos eles se encontram só nos Estados Unidos.

A Nostalgia Vídeo, fundada por um cinéfilo anônimo, Champion Vídeo, criado pelo Jason Champion, e o the video bunker ainda estão não disponíveis para o acesso ao público em geral, somente nas páginas oficiais da internet. Segundo a descrição do site Nostalgia vídeo:

O objetivo do Nostalgia Vídeo é usar as mídias sociais como uma maneira de conectar pessoas do mundo todo, compartilhar as lembranças calorosas do passado e garantir os sentimentos nostálgicos vivam para sempre.²⁹

O Champion vídeo, por enquanto, permite acesso só os amigos e conhecidos. Jason explicar as justificativas de montar sua loja:

A ideia da minha loja é dar às pessoas este exato tipo de sensação: a emoção de descobrir um filme que muitos nem sabiam que existia ou que amavam e haviam esquecido. Passear por essas fitas era o melhor programa das noites de sexta e sábado. E essa é uma experiência que as pessoas nem lembram mais como era.

Eu acho que o streaming é ótimo pela satisfação instantânea. Esse é o mundo em que a maior parte das vive hoje em dia. Sei que as coisas mudam, e também abracei a mudança, mas há algo importante e pessoal que se perdeu em pegar e segurar com as mãos uma coisa tangível.³⁰

²⁹ <https://nerdizmo.uai.com.br/cinefilo-transformou-o-porao-de-casa-em-uma-videolocadora- dos-anos-80/>

³⁰ <https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2017/05/26/americano-recria-locadora-dos-anos- 80-no-porao-de-casa-e-ela-funciona.htm>

Um casal de colecionadores de vídeo³¹, após uma loja de aluguel de vídeo fechar devido a pandemia do Covid, teve a ideia de montar no porão de sua casa a *the video bunker*³² que tem uma página no aplicativo Tiktok onde compartilhar um tour virtual da locadora no porão.

Esses três exemplos mostram o uso da nostalgia para criar emoções para quem viveu a época das videolocadoras nos anos 80, 90 e começo dos anos 2000.

Após a falência da empresa blockbuster começaram a fechar as suas lojas com o passar do tempo, a última loja de vídeo aluguel que se encontra na cidade de Bend, no Oregon fechou em 2014, mas reabriu em 2018, graças a empresa yankee Airbnb (uma plataforma de aluguel de hospedagens) que está resistindo mesmo com a pandemia e os concorrentes streamings ainda se pode alugar o seu acervo e fazer estadias no local, virando um santuário para os cinéfilos e saudosistas dos aluguéis de home video.

E por fim a locadora Vidiots fundada em 1985 cuja especialidade eram filmes que não tinham disponíveis na época como filmes estrangeiros, cults, documentários e independentes fechou em 2017 e vai ser reinaugurada em 2022 numa nova loja que fica em Los Angeles, Califórnia, e agora vai ser uma videolocadora comunitária sem fins lucrativos com uma grande biblioteca e com um enorme acervo audiovisual de VHS, Blu-rays e DVDs com mais de 50.000 títulos históricos de filmes e séries onde as pessoas podem fazer empréstimos para assistir. Visto que esse incentivo é ótimo para cultura da sétima arte e a educação, os filmes tem algo para ensinar ou apenas algo para entreter? No trabalho da Raquel Weck e Diva Marília Flemming no “Vídeo: Propostas para uso didático” maioria das aulas de ensino teórico com uso do audiovisual ajuda a melhorar a passar mensagem do conteúdo da aula para os alunos, melhorando a aprendizagem e se tornando uma ótima ferramenta pedagógica na formação dos alunos. Pois segundo a observação delas:

o vídeo não apenas um meio de recepção, mas um instrumento no processo ensino-aprendizagem, propiciando a construção do conhecimento de maneira harmoniosa. Dessa maneira, o professor deve ser responsável pela utilização desses recursos em sala de aula e precisa ter uma visão do papel de educador, fazendo distinções, por exemplo, entre televisão para o grande público, televisão educativa e vídeo. (Marília, FLEMMING; WECK, Raquel, 2002)

³¹ <https://decorstyle.ig.com.br/nostalgia-anos-90-homem-transforma-seu-porao-em-uma-locadora-de-video/>

³² <https://www.tiktok.com/@thevideobunker>

Mas por outro lado segundo elas:

O vídeo por si só não ensina; o aluno deve buscar a construção do conhecimento de forma autônoma, a partir do uso adequado desse recurso. Portanto, o processo só acontecerá se houver um sentido pedagógico para o aluno. O vídeo é, então, uma linguagem de síntese. Se não há uma interação entre os elementos, não se reproduz no receptor uma experiência unificada. As ideias vão para um lado e as emoções para outro, bloqueando a compreensão. (Marília, FLEMMING; WECK, Raquel, 2002)

A partir da introdução da linguagem audiovisual se cria desenvolvimento da análise crítica e a atividade intelectual fazendo melhorar a compressão dos materiais do ensino e levando os alunos telespectadores a fazerem reflexões e raciocinar os fatos mostrados nos vídeos para serem explicados a partir de suas observações e interpretações.

Segundo o artigo “Os colecionadores da arca perdida: Cultura pop e memória nas autorias do cinema” da professora Ana Paula Penkala, que discute as referências da cultura do entretenimento audiovisual nos filmes do diretor Quentin Tarantino e o uso da memória, mostrando uma comparação do renomado diretor como uma videolocadora (que, aliás, também o diretor foi um funcionário de uma locadora):

é um arquivo de títulos ambulante, reproduzindo em seus filmes a memória da cultura popular do século XX que é, preponderantemente, uma memória da televisão e do cinema. Sua obra, e principalmente as marcas autorais que deixa em seus filmes, são expressões que reiteram valores contemporâneos na cinematografia: o colecionismo, a memória, as referências e citações e a remediação de imagens de arquivo. O colecionismo, as referências e citações, principalmente, são aquilo que constitui esse cinema da memória... (PENKALA, 2012.)

Muitas produções do Tarantino estão carregadas de referências de outros filmes e séries, as quais assistiu na televisão e quando trabalhou numa locadora de home vídeo. Essas referências o fizeram desenvolver as suas criações artísticas nas filmagem, mostrando a importância de lembrar as produções cinematográficas para constituir e desenvolver a criatividade envolvendo muitas influências no uso da memória do cinema durante o processo:

...é começar a pensar a produção cinematográfica como um contexto complexo de articulações que envolvem sociabilidades (através dos memes, por exemplo, que são códigos que carregam unidades de memória), apropriações (como o colecionismo e as referências) e a memória (manifesta nas referenciações e citações e no espírito da produção da época, onde o cinema contemporâneo trabalha a constante recuperação e remediação). (PENKALA, 2012.)

Com passar da história do cinema os registros cinematográficos circulam os contextos históricos, culturais e sociais contidos nas produções exibidas nos cinemas e nas videolocadoras, atualizando e criando outras formas midiáticas a partir das apropriações dessas coleções e memórias, fazendo que as obras atravessarem o tempo, criando e formando outras constituições de identidades, manutenções culturais e sociabilidades.

Esses ótimos exemplos feitos nos Estados Unidos ajudam a reacender a cultura e a memória das videolocadoras para os tempos atuais, mas e no Brasil? Ainda existem videolocadoras sobreviventes trabalhando com aluguel de vídeos e a possibilidade de surgirem novas. Um exemplo é a grande sala de cinema Paradigma Cine Arte fundado pelo cinéfilo Frederico Didoneque, se encontra em Santo Antônio de Lisboa na capital Florianópolis. Nela acontecem exposições e mostras de filmes em cartaz não comerciais e raros de vários lugares do Brasil e do mundo, com conforto e tecnologia para os amantes do cinema. Paradigma Cine Arte tem uma pequena videolocadora com mais de mil filmes e sempre está aumentando o seu acervo para os órfãos das lojas de aluguel de vídeo. Por enquanto ainda não temos uma espécie de museu ou grupos de cinéfilos na tentativa de ajudar no registro e perpetuação da cultura das videolocadoras a para as próximas gerações de apreciadores do cinema.

4 CONCLUSÃO

A evolução tecnológica que contribuiu na invenção do videocassete e no surgimento das locadoras de vídeo está progredindo muito rapidamente ajudando as melhorias da comunicação e o desenvolvimento educacional audiovisual. Por outro lado os meios de salvaguardar a memória audiovisual são escassos, o que representa um grave risco por conta da censura das redes sociais, invasão de hackers, falhas do sistema eletrônico, direitos autorais e possíveis crises econômicas dos sites de vídeos. Isso faz com que as próximas gerações de fãs do audiovisual não consigam ver os vídeos antigos e que foram alterados nos programas de editores de vídeo, mostrando que é necessário encontrar modos de preservar por meios físicos os registros audiovisuais.

As videolocadoras, cinematecas nos museus e nas bibliotecas tem semelhanças em difundir a memória audiovisual, mas são diferentes os propósitos de preservar, catalogar os filmes e outros vídeos. Além das questões mercadológicas os acervos das locadoras são sujeitos à danificação pelos clientes, mas por outro, certos filmes e vídeos brasileiros não estão disponíveis nas versões digitais para compra ou aluguel ficando presos nos formatos antigos nos acervos das cinematecas imperdindo de serem vistos pela maioria do público.

Visto que tanto os vídeos que estão em domínio público, quando as empresas detentoras dos direitos dos filmes podem manipular esses audiovisuais levando aquela questão polêmica de “limite de posse” sobre uma obra audiovisual. A alteração e o apagamento de partes desses vídeos podem fazer certas pessoas, grupos, empresas e governos manipular a verdade do passado.

Os registros audiovisuais necessitam de cuidados na sua preservação, pois são muito voláteis tanto físico quanto virtual devido a obsolescência rápida e de pouca duração dos aparelhos eletrônicos e a falta de segurança em preservá-los na internet. Lembrando o caso da plataforma do Youtube na qual milhões de vídeos são publicados diariamente, mas muitos deles são banidos, alterados ou apagados, a maioria de forma irrecuperável. Além das plataformas de Streamings que são muito voláteis, pois são retirados das suas bibliotecas os filmes e séries, impedindo os usuários de vê-los e existe um risco de alterações dos vídeos, não preservando o original, como o caso do Star War feito em 1977

na plataforma da Disney. Isso mostra que precisamos encontrar meios físicos para registrar os audiovisuais sem conexão com a internet, uma vez que temos que lidar com o excesso de vídeos no futuro e criar meios de registrar e salvar principalmente os vídeos mais antigos, isso leva a vários debates sobre como e qual devem-se ser preservados.

Mostrarei um exemplo da importância em registrar e guardar gravações caseiras feita por pessoas comuns da televisão como notícias, propagandas comerciais, eventos televisivos e tantas histórias sendo fabricados para mostrar como a história é manipulada com o passar do tempo. A produtora de televisão, bibliotecária e ativista social Marion Stokes (1929 – 2012) deste 1979 até a sua morte ela fez registros usando fitas de videocassete do que passava na televisão 24 horas por dia, registrando cerca de 40.000 fitas. Tinha uma missão, além de preservar a memória audiovisual da televisão yankee, de preservar as notícias produzidas ao longo da história como ferramenta importante para combater as fake news, mostrando a importância em preservar os registros do período feitos por pessoas comuns e não estúdios de televisão, que na maioria das vezes não preservam e jogam fora por negligência ou apagam.

Nota-se que a memória audiovisual se relaciona com o colecionismo, pois tem como missão em construir laços de convivência social com as pessoas no uso e troca dos registros audiovisuais fazendo que a memória do cinema seja compartilhada, impedindo que os vídeos caiam no esquecimento e contribuindo assim no uso dessa memória dos vídeos para produção de ideias como as videolocadoras contribuíram :

A linguagem e o diálogo que o colecionismo no cinema contemporâneo cria tem uma função social de interação e sociabilidade. Organiza a memória, permite sua manutenção e recupera do esquecimento aquilo que classifica em seu inventário, que discutem não apenas a própria memória, mas o cinema e o papel dos filmes como prática social. (PENKALA, 2012.)

Os diretores do cinema fazem registros de referências de outros filmes, lugares, pessoas e entre outros produtos culturais cumprido a missão em resgatar os registros do passado e registrar o presente recuperando o histórico a partir de suas expressões artísticas.

Através da memória, como se faz desde o início dos tempos, o autor de cinema estabelece laços de interação, um espaço de experiência comunitária e uma narrativa. (PENKALA, 2012.)

As videolocadoras tecnicamente não estão aposentadas, elas podem ter uma sobrevida, um revival, como aconteceu com o disco de vinil, livrarias alternativas e câmeras de super 8, mas não como uma franquia de lojas. E claro que o cinema, televisão e tão pouco a internet entre outros meios de ver vídeos não iriam revolucionar o processo educacional ou substituir o uso dos livros (como previu erroneamente o famoso inventor o Thomas Edison³³) e outras materiais didáticos, pois os estudantes devem ter atenção individual dos seus professores na sua formação intelectual, mas o uso audiovisual nas escolas é importante para o processo de aprendizado.

Os relatos dos donos das videolocadoras das minhas entrevistas contavam suas origens, os interesses pelos filmes, as alternativas de ver filmes e visões sobre o passado e o futuro dos pequenos armazéns eletrônicos. Os donos dos videoclubes contam melhor sobre a história do mercado e social das videolocadoras que devem ser registrados e documentados muitas coisas se perde com passar do tempo fazendo esquecer os pioneiros do mercado audiovisual.

O youtube não existiria se não fosse pelo eletrodoméstico videocassete, a Netflix não existiria não fossem as videolocadoras, ambos contribuíram não só para o divertimento e despertar centenas de emoções para o entretenimento das massas. Ao longo de sua existência o videocassete deu liberdade às pessoas de ver fitas pré-gravadas e gravar na televisão quando e quanto quisessem e as videolocadoras de obter e ver filmes e séries sem depender dos estúdios de televisão de transmiti-los na grade da programação, deverão ser lembrados (e gravados) para a prosperidade o legado que eles fizeram para a memória da sétima arte.

³³ https://quoteinvestigator-com.translate.googleusercontent.com/2012/02/15/books-obsolete/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc

5 BIBLIOGRAFIA

Armes, Roy. On video o significado do vídeo nos meios de comunicação. Edi. Summus editorial. 1999.

Beatriz Ribeiro, Leila; Franchini, Silvia; Castro Costa, Thainá. Minha querida VHS: a contribuição técnica para uma história do audiovisual. 2009. 14 páginas. VII encontro nacional de história da mídia. 19 a 21 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Minha%20querida%20VHS.pdf>

Blake-Coleman, Barrie. Telcan - A British First in Home Video Recording. Disponível em: <https://www.inventricity.com/telcan-first-home-video-recorder>

Borde, Raymond. A frágil arte do filme. 1984. Disponível em: <http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com/2011/05/fragil-arte-do-filme.html>

Câmara, Antônio Da Silva. Revista sociologia ciência & vida. Em: Por que os cinemas não morreram?. Edição de número 2. Edi. Escala. Pg. 50-59.

Cassese, Patricia. Os últimos românticos. Jornal Pampulha. 18 a 24 de agosto de 2018. Pág.3 e 4. Disponível em:

https://issuu.com/otempo/docs/binder1_5a1ce053141667

Cezar de Araujo, Julio. CINETOSCÓPIO DE EDISON: A PRIMEIRA CÂMERA CINEMATOGRAFICA. Disponível em:

<https://www.megacurioso.com.br/ciencia/120072-cinetoscopio-de-edison-a-primeira-camera-cinematografica.htm>

Chagas, Mário. Memória política e política de memória. Memória e patrimônio ensaios contemporâneos. 2003. Pág.136. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf

Cherubin, Fábio. 100% Vídeo lança locação de filmes por pen drive. <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/100-video-lanca-locacao-de-filmes-por-pen-drive-4y4ljddn7rpkzox5k0le7h8b2/>

Croitor, Cláudia. O super livro dos filmes de ficção científica. Coleção cinemão V.1. Em: E.T., o extraterrestre. Editora Abril. Pg. 42-43.

CURY, Marília Xavier. O Sujeito do Museu. Musas. Rio de Janeiro, n.4, p.86-97, 2009. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Musas4.pdf>

Deliberalli, Yuri. Não deixe o clássico morrer. MULTILOT!. 2017. Disponível em: <https://multiplotcinema.com.br/2017/12/nao-deixe-o-classico-morrer/>

D`Arcadia, Ronaldo. Rebobine, Por Favor. Disponível em: <https://cinemacomrapadura.com.br/criticas/84191/rebobine-por-favor-2008-84191/#:~:text=Em%20%E2%80%9CRebobine%2C%20Por%20Favor%E2%80%9D,foi%20potencializada%20pelo%20site%20Youtube.>

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Conselho Internacional de Museus (ICOM). 2013. Disponível em: https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

Eduardo dos Santos, Cleber. Revista vídeo news. Em: vídeo vs cinema, o falso duelo. Edi. Sigla. Ano 7. número 83. 1989. Pg.47-50. Disponível em: <https://archive.org/details/RevistaVideoNewsN83>

FelipeA. 06 curiosidades sobre o YouTube. Disponível em: <https://www.hardware.com.br/artigos/6-curiosidades-sobre-o-youtube/>

Fuks, Rebeca. Frase O homem é um animal político. Disponível em: [https://www.culturagenial.com/o-homem-e-um-animal-politico/#:~:text=Para%20Arist%C3%B3teles%20\(384%20%2D%20322%20a.C.,%20greg%C3%A1rios%20sociais%20e%20solid%C3%A1rios.](https://www.culturagenial.com/o-homem-e-um-animal-politico/#:~:text=Para%20Arist%C3%B3teles%20(384%20%2D%20322%20a.C.,%20greg%C3%A1rios%20sociais%20e%20solid%C3%A1rios.)

Gomes, Rogério. A Revolução do VHS. Disponível em: <http://media.rtp.pt/extra/estreias/revolucao-do-vhs/>

Graciotti, André. Rebobine, por favor: práticas de deslegitimação e apropriação criativa do cinema. 2009. Disponível em: https://tigubarcelos.files.wordpress.com/2009/12/artigofinal_andregraciottisemc-apa.pdf

Hagen, Kate. À procura da última grande loja de vídeos. Disponível em: <https://blog.blcklst.com/in-search-of-the-last-great-video-store-efcc393f2982>.

Hagen, Kate. TED x Binghamton University. In Search of The Last Great Video Store. 14 minutos. Disponível em: https://www.ted.com/talks/kate_hagen_in_search_of_the_last_great_video_store

Hansen, Steen. The Oldest Video Store in The World Still Renting Out DVD's and VHS's. Disponível em: <https://oldnewsclub.com/the-oldest-video-store-in-the-world-still-renting-out-dvds-and-vhss/>

Herbert, Daniel. Videoland Movie Culture at the American Video Store. Edi. University of California Press. 2014.

JORDÃO, Renata. Nostalgia anos 90: homem transforma seu porão em uma locadora de vídeo. Disponível em: <https://decorstyle.ig.com.br/nostalgia-anos-90-homem-transforma-seu-porao-em-uma-locadora-de-video/>

Jose Mendes de Almeida, Candido. Uma nova ordem audiovisual novas tecnologias de comunicação. Em: O videocassete e a Reinvenção do cotidiano. Edi. Summus Editorial. 1988. Pg.77-90.

José Mendes de Almeida, Candido. O que é vídeo (coleção primeiros passos). Edi. brasiliense. 1984.

Kerr, John Finlay . 'Rereading' Be Kind Rewind (USA 2008): How film history can be remapped through the social memories of popular culture. Disponível em: <http://www.screeningthepast.com/issue-24-first-release/%E2%80%98rereading%E2%80%99%C2%A0be-kind-rewind%C2%A0usa-2008-how-film-history-can-be-remapped-through-the-social-memories-of-popular-culture/>

Kleina, Nilton. A história da guerra dos formatos - TecMundo. 13 minutos. 2019. Acessa em: <https://www.youtube.com/watch?v=xQHT66OVSbM&t=328s>

Klaus Bindemann, Douglas. Videolocadoras: declínio e empreendedorismo. Disponível em:

<https://periodicos.uniuv.edu.br/posemrevista/article/download/408/294/812>

Lago, Davi. Leituras da história. Em: Fake news e cidadania. Edição 116. Edi. Escala. Pg.38-41.

Lessig, Lawrence. Cultura Livre. Editora Penguin Books. 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/10d.pdf>

Leão, Tiago. Qual terá sido o primeiro filme comercializado em VHS? Disponível em: <https://mundodecinema.com/vhs/>

Lopes Ramos, Francisco Régis. A danação do objeto. Editora Argos.2004.

M. Greenberg, Joshua. From Betamax to Blockbuster: Video Stores and the Invention of Movies on Video. Edi. The MIT Press. 2008.

M. Guerra, Felipe. O POVO CONTRA GEORGE LUCAS (2010). Disponível em: <http://filmesparadoidos.blogspot.com/2010/04/o-povo-contra-george-lucas-2010.html>

M. Guerra, Felipe. EDISON'S FRANKENSTEIN (1910). Disponível em: <http://filmesparadoidos.blogspot.com/2018/12/edisons-frankenstein-1910.html>

Macedo de Almeida Martins, Cesar Eugenio; Abrantes Baracho, Renata Maria. Tecnologia e interação: os museus no contexto das novas formas de expor e comunicar. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2018/4743-tecnologia-e-interacao-os-museus-no-contexto-das-novas-formas-de-expor-e-comunicar.html>

Machado, Arlindo. A arte do vídeo. Edi.brasiliense.1995.

Malone, John. O futuro ontem e hoje de Júlio Verne a Bill Gates. Em: Filmes de cinema irão substituir os livros como material didático. Edi. Ediouro. 1998. Pg.104-106.

Marília, FLEMMING; WECK, Raquel . Vídeo: propostas para uso didático. Poiésis (tubarão). Brasil. Vol.4. N. 7/8. Jan/Dez. Pág. 121-134. 2002.

MATUSZEWSKI, Boleslav. Uma nova fonte histórica. Paris, 1898. Tradução de Daniel Caetano. Revista Contracampo. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/34/matuszewski.htm>

Mclellan, Dennis. George Atkinson, 69; Pioneer in the Movie Video Rental Industry. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2005-mar-12-me-atkinson12-story.html>

Miranda, Fernanda. Vídeo mostra como crianças dessa geração reagem ao videocassete. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/video-mostra-como-criancas-dos-anos-2000-reagem-ao-videocassete/>

Moraes, Mauricio; Cruz, Lui. Revista INFO Exame. Em: Locadora virou peça de museu. 321. Outubro de 2012. Edi. Abril. Pág. 64-70.

Morris, Steven. 'There's still a demand': Bristol video shop celebrates 40 years in business. Disponível em: https://www.theguardian-com.translate.google.com/news/2022/apr/17/bristol-video-shop-celebrates-40-years-in-business?fbclid=IwAR3FZXkjXwliJZWGxRyuzsBwubiO4BCb7jp7uuefeNX6JP2f6T4mF4Je03E&_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=op,sc

Moser, Sandro. Paranaense tem o maior acervo de fitas VHS do Brasil. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/cinema/paranaense-tem-o-maior-acervo-de-fitas-vhs-do-brasil-ezds1mhvz1w0gxf0ae1x41ilf/>

Moser, Sandro .A última sessão de VHS: o fim do videocassete enterra uma era de ouro da cultura moderna. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/cinema/a-ultima-sessao-de-vhs-o-fim-do-videocassete-enterra-uma-era-de-ouro-da-cultura-moderna-3nn43ri8djwcduda497pj04j/>

Moura, Carolina. Paradigma Cine Arte oferece acervo de filmes alternativos em DVD para locação na Capital. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cinema/paradigme-cine-arte-oferece-acervo-de-filmes-alternativos-em-dvd-para-locacao/>

Nakashima, Ryan. Redbox Instant streaming plan takes on Netflix. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/tech/2012/12/12/redbox-instant-netflix/1762989/>

Nazario, Luiz. O COMPUTADOR TEM UM 'SEGREDINHO': SEU VERDADEIRO NOME É CARTRIVISION! Disponível em: <https://cinemadearquivo.wordpress.com/2011/10/05/o-%E2%80%98segredinho%E2%80%99-do-divx-seu-nome-real-e-cartrivision/>

Paixão, Gabriel. Banido! A História dos VIDEO NASTIES. Disponível em: <https://bocadoinferno.com.br/artigos/2021/09/banido-a-historia-dos-video-nasties/>

Penkala, Ana Paula . Os colecionadores da arca perdida: Cultura pop e memória nas autorias do cinema. Orson Revista dos Cursos de Cinema do Cearte/UFPEL,v.02, Pag. 118-135. 2012. Disponível em: https://orson.ufpel.edu.br/content/02/artigos/primeiro_olhar02/penkala.pdf

Philbin, Tom. As 100 maiores invenções da História. Editora DIFEL. 100 - O gravador de vídeo. Pag.301. 2006.

R. Mendes Junior, Luiz Paulo (apelido Beagle). Videolocadoras. Disponível em: <https://ocanildobeagle.blogspot.com/2015/11/videolocadoras.html?showComment=1644143810795#c1357921752670280045>

Rangel, Reilly. Locadora virou peça de museu. Disponível em: <http://reillyrangel.com.br/2012/11/locadora-virou-peca-de-museu/>

Rapini, Raquel. Cinéfilo transformou o porão de casa em uma videolocadora dos anos 80. Disponível em: <https://nerdizmo.uai.com.br/cinefilo-transformou-o-porao-de-casa-em-uma-videolocadora-dos-anos-80/>

Reps, Renata. Especial mundo estranho - loucuras do cinema. Em: Duelo: Games x Cinema. 2012. Editora Abril. Pg.28.

Ribeiro, Teté. Clássicos somem do cardápio com o fim de locadoras e crescimento do streaming. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/classicos-somem-do-cardapio-com-fim-de-locadoras-e-crescimento-do-streaming.shtml>

Rocha, Camilo. A versão colorizada e de alta resolução de um marco do cinema. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/10/09/A-vers%C3%A3o-colorizada-e-de-alta-resolu%C3%A7%C3%A3o-de-um-marco-do-cinema>

Rosen, Stephen. fatos do futuro. Em: Vídeo-Cassetes. São Paulo. Melhoramentos. 1979. Pg. 218 - 220.

Sadovski, Roberto. Morre em silêncio, aos 60, o Video Cassete; hora de rebobinar sua história. Disponível em: <https://robertosadovski.blogosfera.uol.com.br/2016/07/22/morre-em-silencio-aos-60-o-video-cassete-hora-de-rebobinar-sua-historia/?cmpid=copiaecola>

Santiago, Luiz. CRÍTICA | O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO (1915). Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-nascimento-de-uma-nacao-1915/>

Sidechain, Rainwarrior's. A Non-Volatile Storage Medium. 5 de fev. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIWR-b42IU0>

Silveira, Evanildo da. Como sobrevivem as últimas videolocadoras de São Paulo na era do streaming. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/02/15/como-sobrevivem-as-ultimas-videolocadoras-de-sao-paulo-na-era-do-streaming.htm>

Souza, Mateus. A última das locadoras fim de uma era. A hora. 11 e 12 de Jar. De 2020. Pág. 6 e 7. Disponível em:

https://issuu.com/jornalahoraltda1/docs/ilovepdf_merged_compressed__35_

SUNDSTRÖM, A. da S. S.; ALBUQUERQUE, A. C. de. Colecionismo bibliográfico: contexto histórico, terminologia e perspectivas de estudo na Ciência da Informação. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 250–275, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/96871>

Tadeu Longhi, Jairo. Manual do videocassete. Edi. Summus Editoria. 1981.

Tomé, Bruno. Netflix censura De Volta Para o Futuro e internet não perdoa; veja reações. Disponível em:

<https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2020/05/netflix-censura-de-volta-para-o-futuro-e-internet-nao-perdoa-veja-reacoes>

Valarezo, Max. A Lenta Morte do Cinema Brasileiro. Youtube, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yKEh0s0aVX4>

Vieira de Araujo, Lucas; Aligleri, Lilian. Uma análise interdisciplinar do fim da marca 100% Vídeo. *Revista Eptic*. Vol. 19, nº 2, mai-ago 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/7044/5685>

W. Gilbert, Michael. Digital Media Life Expectancy and Care. Disponível em: <http://www.softpres.org/cache/DigitalMediaLifeExpectancyAndCare.html>

Wasser, Frederick. *Veni, Vidi, Video: The Hollywood Empire and the VCR*. Edi. University of Texas Press. 2009.

Wurm, Sabrina. O charme da velharia. Disponível em:
https://vejario.abril.com.br/cidade/vitrola-filmadora-camera/?fbclid=IwAR3uegdmzAUcm0-Ua_cafzPplt8nn4y6VGIGJFL9-98f_-MSyE6Odx5PIU

Yuge, Claudio. Quanto tempo alguém levaria para assistir todo o conteúdo da Netflix? Disponível em: <https://canaltech.com.br/series/quanto-tempo-alguem-levaria-para-assistir-todo-o-conteudo-da-netflix-169017/>

_____. Books Will Soon Be Obsolete in the Schools. Disponível em:
https://quoteinvestigator-com.translate.goog/2012/02/15/books-obsolete/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc

_____.Americano recria locadora dos anos 80 no porão de casa; e ela funciona! Disponível em:
<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2017/05/26/americano-recria-locadora-dos-anos-80-no-porao-de-casa-e-ela-funciona.htm>

_____.Número de videolocadoras cai nos últimos anos e pirataria é um dos motivos. Disponível em:
https://www.correioabraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/09/26/interna_cidadesdf,214894/numero-de-videolocadoras-cai-nos-ultimos-anos-e-pirataria-e-um-dos-motivos.shtml

_____,The video bunker. Urbandale. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/@thevideobunker>

_____.Max Headroom (TV series). Disponível em:
[https://ultimatepopculture-fandom-com.translate.goog/wiki/Max_Headroom_\(TV_series\)?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc](https://ultimatepopculture-fandom-com.translate.goog/wiki/Max_Headroom_(TV_series)?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc)

_____.Quais são as vantagens e desvantagens de se utilizar fitas magnéticas para backup de dados? Disponível em:
<https://cbltech.com.br/blog/vantagens-e-desvantagens-de-se-utilizar-fitas-magneticas-para-backup-de-dados.html>

_____.Disco de vidro pode guardar arquivos com até 360 TB 'para sempre'. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2016/02/disco-de-vidro-pode-guardar-arquivos-com-ate-360-tb-para-sempre.ghtml>

_____.Sistemas Philips N1500, N1700 e V2000. Disponível em:
https://www-rewindmuseum-com.translate.goog/philips.htm?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc

_____.Último fabricante de VHS anuncia fim da produção. Disponível em:
<https://veja.abril.com.br/economia/ultimo-fabricante-de-vhs-anuncia-fim-da-producao/#:~:text=A%20companhia%20justificou%20sua%20decis%C3%A3o,2015%20foi%20de%20apenas%20750.000.>

_____.BBC VERA (Vision Electronic Recording Apparatus) video tape. Disponível em:
<https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co8094245/bbc-vera-vision-electronic-recording-apparatus-video-tape-magnetic-tape>

_____. “E o Vento Levou” é retirado da HBO Max após protestos contra o racismo. Disponível em: <https://istoe.com.br/e-o-vento-levou-retirado-da-hbo-max-apos-protestos-contra-o-racismo/>

_____. Paradigma Cine Arte torna-se referência do circuito alternativo de cinema em Florianópolis. Disponível em:

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/paradigma-cine-arte-torna-se-referencia-do-circuito-alternativo-de-cinema-em-florianopolis>

CineMagia: A História das Videolocadoras de São Paulo. Direção: Alan Oliveira. Brasil. 2017 .Documentário. 1h 40m.

A Revolução do VHS. Direção Dimitri Kourtchine. Talweg Production | ARTE France. Documentário. 2016. 52 minutos.

Last Store Standing. Direção: James Manning. Lost Book Productions. Austrália; Alemanha; EUA. Documentário. 2011. 70 minutos.

Eu sou a lenda (I AM LEGEND). Direção: Francis Lawrence. EUA. Warner Bros. Pictures. Ficção científica/Terror . 2007.100h min.

E.T. O Extraterrestre (E.T. The Extra-Terrestrial). Direção: Steven Spielberg. Amblin Entertainment; Universal Studios. EUA. 1982. 115 minutos.

REBOBINE, Por Favor (Be Kind Rewind). Direção: Michel Gondry. EUA. 2008. Europa Films.101 min.

Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança (Star Wars: Episode IV - A New Hope). Direção: George Lucas. 20th Century Studios; Lucasfilm. EUA. 1977. 121 minutos.

6 REFÊRENCIAS IMAGENS

Figura 1:

<https://www.flickr.com/photos/fwatanabe/8067687190>

Figura 2:

[https://cdn.vox-cdn.com/thumbor/ABBdrFTEdBP1EXSyPLg6XBvoELI=/0x0:2866x2250/920x0/filters:focal\(0x0:2866x2250\):format\(webp\):no_upscale\(\)/cdn.vox-cdn.com/uploads/chorus_asset/file/6484615/Image%204.jpg](https://cdn.vox-cdn.com/thumbor/ABBdrFTEdBP1EXSyPLg6XBvoELI=/0x0:2866x2250/920x0/filters:focal(0x0:2866x2250):format(webp):no_upscale()/cdn.vox-cdn.com/uploads/chorus_asset/file/6484615/Image%204.jpg)

Figura 3:

https://static.wixstatic.com/media/5a9cc9_337ec910a79c428695e17b15eaf37403.png/v1/fill/w_250,h_218,al_c,q_85,usm_0.66_1.00_0.01,enc_auto/5a9cc9_337ec910a79c428695e17b15eaf37403.png

Figura 4:

<https://img.ibxk.com.br/2016/05/05/05182726434312.jpg?ims=704x>

Figura 5:

https://www.soundandvision.com/images/styles/600_wide/public/120315_betamax2_1.jpg

Figura 6:

https://images.mediabiz.de/s/-/newspics/378/276378_1/b2780x1450.jpg

Figura 7:

<https://randfilmfest.de/wp-content/uploads/2021/08/film-shop-750x410.jpg>

Figura 8:

<http://4.bp.blogspot.com/-0kYXrwU6hEA/Tan3lbbDD4I/AAAAAAAAHSU/p2uuaOqAjJM/s640/Picture3.png>

Figura 9:

<https://i.pinimg.com/564x/10/ce/a6/10cea687c3426681f730d0fe048dbb83.jpg>

Figura 10:

http://farm9.staticflickr.com/8124/8657885191_70aa10b5c3_b.jpg

Figura 11:

<http://www.softpres.org/cache/DigitalMediaLifeExpectancyAndCare/mediagraph.jpeg>

Figura 12:

http://www.imfdb.org/images/thumb/a/a5/ET_001.jpg/600px-ET_001.jpg

Figura 13:

http://www.imfdb.org/images/thumb/b/b9/ET_004.jpg/600px-ET_004.jpg